

Prefácio

Um pouco de história e de fantasia.

A realidade, mais que recordada, reinventada.

Momentos lúdicos em que me entreguei à escritura, deixando o tempo transcorrer solto entre pensamentos e lembranças.

Com esses “causos”, volto à minha infância, descubro meus afetos, meus medos, minhas assombrações. Reescrevo minha história, adoçando-a com ilusões e confidências.

Resgato estas vivências para meus filhos e netos. Para eles, que foram privados dos doces momentos de intimidade roubados pela roda-viva da vida pública. Para eles, que tão abnegadamente souberam dividir minha presença e atenção com a gente querida de Juiz de Fora, a quem dediquei o melhor de minhas forças e trabalho.

Com a publicação deste livro, procuro contar a eles experiências que deveriam ter sido narradas no aconchego dos finais de tarde e que ficaram caladas dentro de mim, sem tempo de compartilhá-las.

Agora, quando penso que tudo está contado, descubro que ainda nem cheguei à ponta do fio da meada de minha vida. Esses “causos” não passam de retalhos de minha história, temperados com a invenção de singelos sentimentos. Na verdade, são retalhos de muitas formas e variadas cores, que compõem a vida de cada um.

Tarcísio Delgado

Havia Sol

Foi ali. Bem na boca da ponte. No sertão do rio do Peixe. Região pobre. A casa era pequena. A cozinha tinha o piso de chão batido. O resto da casa tinha assoalho. No cômodo da frente, pequeno, ficava a venda de meu pai. Pequeno comércio, que vendia de tudo um pouco. A boca da ponte na zona rural, na roça, é lugar de convergência. Todas as pessoas da região precisam usar a ponte para a comunicação das duas margens do rio.

A pequena casa ficava bem debaixo de uma imensa moita de bambú. Nasci ali, na primavera de 35. Nasci na própria casa, nas mãos de uma parteira, velha mulata, leiga, analfabeta, que assistia às mulheres da região. As crianças nasciam mais ou menos como os animais. Tudo naturalmente e sempre muito difícil.

Havia sol no dia em que eu nasci.

ANNA (com dois ennes)

Mulher brava. Genial e geniosa. Não conhece o medo de coisas da terra. Só teme a Deus, mas confia Nele. Viveu, desde muito criança, dificuldades de toda ordem. Sempre praticou a filosofia que parte do princípio de que o difícil eu faço agora, o impossível vai demorar um pouco.

Anna nasceu no sertão do Rio do Peixe, lá pros lados de Pirapetinga, em ambiente rústico, quase selvagem. Descendente direta dos índios cezanos, veio ao mundo na primeira década do século XX, na fazenda Boa Vista, que não tinha vista para lugar algum, nas mãos de uma parteira prática, velha escrava negra, que acompanhava os partos pela região.

Foi a quinta de uma irmandade de nove, portanto, no meio da grande prole de Silvino e Chichica Cezano. Os costumes da família eram uma mesela de escravos e índios.

Desde menina de pouca idade, Anna começou a ser chamada de Dona, daí a corruptela Donanna, ninguém sabe bem o por quê, mas muitos atribuem à sua capacidade de iniciativa e liderança.

Da puberdade para a adolescência já fazia todos os serviços das pessoas adultas. Com bom e saudável desenvolvimento físico, enfrentava tarefas de homens de maneira admirável. Sobressaía-se entre os contemporâneos da região.

Na colheita da cana, no alambique ou na feitura do açúcar mascavo, ninguém era capaz de superá-la. Verdadeira máquina de trabalhar. Naquele labor pesado, difícil até para homens maduros, seu desempenho era admirado por todos. Anna era diferente.

Além desse trabalho duro, ela buscou aprender a ler e a escrever por conta própria. Sem qualquer estímulo, nunca foi à escola. Contudo, sozinha aprendeu o que lhe proporcionou condições para leituras surpreendentes naquela região. Conseguiu, sabe Deus como, uma Bíblia e outras leituras qualificadas e as estudava com grande interesse, aproveitando qualquer tempo nos pequenos intervalos do cotidiano, às vezes sob a luz da lamparina de querosene, enquanto outros descansavam.

Habilidosa e de inteligência afilada, encontrava tempo, ninguém sabia explicar como, para aprender a costurar e a bordar. Muito rápido costurava para toda a família, roupas de homens e de mulheres, e bordava coisas extraordinárias, que encantavam a todos.

Muito cedo, ainda menina, ficou órfã de pai. Senhor Silvino morreu de repente. Grande choque e trabalhos redobrados para Chichica e os filhos. A irmã mais velha, Maria, gozava de certas regalias junto à viúva. Fazia os serviços mais suaves, arrumava a casa da cozinha para dentro. Cuidava das salas e dos quartos. Anna trabalhava na cozinha e na roça. Sentia-se discriminada. Sempre se considerou a gata borralheira da família.

Naquela casa de forte fé católica vinda das Missões, não poderia ser diferente, o primogênito chamava-se Raimundo pela crença de que São Raimundo teria sido parteiro. Era promessa de bom parto que levaram a Chichica. Ledo engano. Raimundo, se é que foi santo, o foi por razões totalmente outras. As mulheres, pela ordem, a primeira Maria e a segunda Anna, avó de Jesus.

Anna cresceu inconformada com o destino de ser discriminada daquela maneira. Esbravejava contra as injustiças, mas executava todas as suas tarefas e as ultrapassava em muito, com incomparável dedicação. Inquieta, fazia o milagre da multiplicação do tempo e superava todos em afazeres incomuns no tempo e no espaço. Ainda menina-moça dava solução a questões embaraçosas mesmo para os adultos.

Assim, com uma juventude repleta de ações diferenciadas para a época e para o meio, Donana virou moça feita. Naqueles tempos, namorar, só para casar e os pais tinham grande parcela na escolha do rapaz. No caso, os costumes rígidos entregavam tal papel a Chichica e aos irmãos mais velhos.

Havia uma preferência de escolha do melhor partido para a irmã mais velha, Maria. A Anna fica para depois!...

Por isso, só com vinte e um para vinte e dois anos pode encontrar seu futuro marido. Conheceu José, rapaz de boa família lá para os lados de Lima Duarte. Gente pobre mas direita, trabalhadora. Um ano e pouco depois casaram-se.

Vida nova. Nascimento de uma nova família. Tinham que partir do zero. Únicas disponibilidades eram a vontade e a edificadora força de trabalho.

Tio Zezé, irmão de Chichica, padrinho de casamento, cedeu um pequeno pedaço de terra na boca da ponte do Areião, para a construção da casa. José e o cunhado João a construíram pequena. Havia um cômodo na frente, tudo anexo, para José abrir seu negócio, uma vendinha de roça.

A ponte é lugar de convergência. Todos da região, dos dois lados do rio, só se comunicam através da ponte. Por esta razão, a boca da ponte é lugar propício para instalação de uma venda, pequeno comércio que intermedia negócios da região, fornece no varejo querosene, sal, fósforo, algum pano e quinquilharias em geral.

José, apelidado de Nonô, para chegar à cidade, ia a cavalo até a estação ferroviária e o restante de trem de ferro, comprava as mercadorias no atacado, quantidades pouco maiores, e vendia no varejo, pequeninas quantidades.

Ali começaram a vida. Anna completava a receita familiar costurando para fora. Antes de completar um ano de casados, veio o primeiro filho. Pouco mais de outro ano, uma menina. Os filhos foram surgindo de ano em ano, pouco mais que isso. Foram nove. Contudo, na casinha da venda da boca da ponte nasceram só os quatro primeiros. Dois casais. Anna cuidava dos filhos com rigor incomum. Era, às vezes, até violenta. Brincou, fez besteira, leva uma coça. Não tinha perdão! As crianças, mesmo pequenas, sofriam nas mãos dela.

Raimundo, o primogênito, estava com cinco anos quando, desejando fazer um foguinho com as palhas da moita de bambu que ficava logo ali na beira da estrada, a uns dez metros acima da casa, sem idade para medir as conseqüências, acabou ateando fogo em toda a moita.

O bambu pertencia ao vizinho que morava a um quilômetro dali, ficava logo depois da cerca de divisa, bem na beira da estrada de roça, só para gente à pé ou à cavalo, que seguia para o lado da invernoada, saindo no arraial. Na cabeça do garoto, era só um foguinho com as folhas secas do bambu. Criança não pode ver fogo ou água. Se deixar, está logo queimada ou afogada.

Anna não quis saber. Apertou o menino, que não teve saída. O fogo se estendeu pela moita inteira. Chamas enormes e verdadeiro tiroteio. O bambu verde queimado, cada gomo explode como uma bomba “cabeça de negro”.

Já choramingando em meio àquele bombardeio, buscando amenizar o mal feito, Raimundo desculpou-se:

- Mamãe, foi o Oliveira que me mandou colocar fogo.

Oliveira era o rapaz filho do vizinho, dono do bambu.

- Mas onde você tirou o fósforo? – bradou Anna.

- Peguei na venda – respondi

- Eu te mato menino ! – e jurou: “amanhã, pela madrugada, quando Oliveira passar por aqui pela estrada, assobiando (ele fazia isso todos os dias para tirar leite no curral lá de cima), eu vou perguntar se foi ele quem mandou. Se ele disser que não, você, moleque levado, vai levar a maior coça da sua vida. Por duas razões: porque fez uma arte desse tamanho e porque mentiu.

Foi uma longa e difícil noite para Raimundo. Não dormiu um minuto e contava o tempo passar. Três e trinta da madrugada ouve o assobio do Oliveira, ainda bem longe. Que agonia!... Será que mamãe está dormindo? Quem sabe ela esqueceu!... O assobio se aproxima solto em meio ao absoluto silêncio da madrugada.

Quando Oliveira vai passando bem diante da casa, Raimundo ouve a tramela da janela do quarto de Anna. Seu coração vem para a boca. Com a janela entreaberta, Anna grita:

- Oliveira, Oliveira!

- Sim Donnana!

- Eu queria saber de você se foi você que autorizou o Raimundo a colocar fogo na moita de bambú!

- Não, Donana, por que eu ia fazer isso? Até estranhamos aquele desastre. Nem vi Raimundo ontem, Donana!

- Obrigado, Oliveira, era só isso que eu queria.

Fechou a janela, levantou-se, foi ao quartinho onde dormia Raimundo, tirou-o do berço e, naquela hora em que não se pratica violência contra nenhum bandido, por mais que o

seja, aplicou-lhe uma coça de cabresto. A violência foi tão grande que marcas ficaram para sempre.

Raimundo, aos prantos, sem conseguir sentir o frio da madrugada, saiu de casa pela porta da cozinha e foi chorar suas mágoas no ranchinho de cavalos que ficava a uns quarenta metros da casa, pelos fundos. Ali os fregueses da venda guardavam seus animais quando vinham à cavalo.

Anna fez que não ligava. Ele não podia ir longe. Naquele dia, até à noite, Raimundo chorou e não saiu daquele local. Passou o dia sem nada comer. Anna não deu o braço a torcer. Já era noite quando o pai foi buscá-lo. Nonô fez carinho e disse que a mãe só queria o seu bem. E era verdade. Mas, daquela maneira era duro de agüentar.

Anna nunca esqueceu daquele exagero. Foi uma coça que marcou quem bateu e quem apanhou.

A vida seguia em meio a muito trabalho. Já eram quatro filhos. Num daqueles finais de tarde, chega à venda Zeferino, que morava lá pelos lados da invernada, e traz a notícia de que seu vizinho, Zé Bonito, tinha pego a febre amarela, que todos chamavam de febre dos macacos. No início da década de 40 se deu a grande epidemia da febre amarela que dizimou os primatas no mato e atingiu muita gente. Houve muitas mortes de pessoas trabalhadoras e cheias de saúde. Quando a febre pegava, era difícil escapar. Zé Bonito era solteirão. Morava sozinho. Tinha este apelido de tão feio que era. Mas rapaz trabalhador, era querido por todos na redondeza.

A única coisa que podia salvar o atacado pela febre era um banho bem quente, quase fervendo, mas as pessoas temiam aproximar-se do doente com medo de pegar a terrível febre.

Os vizinhos começaram a chegar na vendinha do Nonô. A notícia da situação do Zé Bonito havia se espalhado. Estavam todos assustados. Há pouco morreram duas pessoas na região com a danada da febre, antes que pudessem ser atendidas.

Estavam todos lamentando, falando sobre a necessidade de se dar nele um banho fervendo, mas ninguém tinha coragem de ir lá, a quatro quilômetros da venda, temerosos da contaminação.

Estavam ali nove homens. De repente, surgiu na venda, vindo de dentro da casa, Anna, que foi logo perguntando: quem havia de socorrer o Zé Bonito?

Os vizinhos se desculparam muito pesarosos, mas não tinham coragem de enfrentar o perigo.

- Vocês são todos uns frouxos! – gritou Anna. “Arrume um cavalo para mim, coloque o silhão, porque não monto em arreio. Por falta de socorro Zé Bonito não vai morrer!

Quis ponderar-lhe seu vizinho, amigo e compadre Zeca Lau:

- Comadre Anna, cuidado! Você tem quatro filhos pequenos!

- Arrume logo o cavalo! Vou lá, dou banho no Zé, ele vai sarar e nada vai acontecer comigo. Pega merda nenhuma! Pega em quem já vai tremendo de medo...

Acreditem!... aquele monte de homens deixou Anna ir sozinha. Pois ela foi, cuidou do Zé Bonito. Ainda levou uma mamita de comida. Deu-lhe o banho fervendo com galhos de arruda e recomendou:

-Essa comida é para quando te der fome. Não coma sem vontade, porque aí faz mal.

Cinquenta anos depois os dois viviam saudáveis, enquanto todos os medrosos já estavam na "outra".

Quatro filhos, a caminho para o quinto, a vendinha não estava dando mais para sustentar a família. Havia chegado a hora de mudar de trabalho. Fecharam a venda e mudaram para o sítio do qual Nonô havia herdado uma parte, a três quilômetros dali, na barra do Pirapetinga.

Era um pedaço de terra médio, de boa qualidade, totalmente abandonado. Os pastos não existiam, perdidos em matagal de pragas. A sede era um casarão antigo, caindo aos pedaços.

Nonô e Anna, por insistência dela, deveriam recomeçar tudo de novo. Foi o que fizeram. Era preciso muita coragem e forte grau de loucura.

Arrumaram as trouxas poucas e foram cuidar do que era seu. O mais velho dos filhos tinha então sete anos e o quinto, esperando a hora de chegar. Tudo difícil, tanto trabalho, e Anna barriguda!

O menino de sete anos já ajudava Nonô em muitos trabalhos duros. Faziam cerca, roçavam pastos. Muitas pragas tinham que ser arrancadas à mão. A roça de milho, feijão e arroz; a horta para verduras, o galinheiro, o chiqueiro, o curral, tudo foi feito em pouco tempo por poucas mãos.

Anna, enquanto fazia, esbravejava, chorava, rezava, xingava, agradecia, excomungava, tudo ao mesmo tempo.

Os dias passavam, a família crescia, dificuldades incríveis. Os três filhos maiores já passavam da idade de estudar. Anna se desesperava. Não queria ver os filhos terem o mesmo destino dela e de Nonô. Tinham que estudar, custe o que custar... Mas, como, naquele sertão bravo, sem qualquer recurso e sem qualquer pessoa alfabetizada na região?

Anna não se acomoda com nada que lhe pareça impossível, mas necessário. Com sua leitura de autodidata, escreve uma carta a uma prima de Nonô que acabara de concluir o primário e, por isso, já podia ser professora das crianças. Queria trazer Rosinha, que mora lá perto do Manejo, lugarejo muito distante. Mandou a carta por portadores, um passando ao outro até chegar. Não havia correio ou outro qualquer meio de comunicação. A moça viria morar algum tempo em casa para alfabetizar os três mais velhos.

Passaram trinta, quarenta dias para que voltasse a resposta. Os pais da “professora” concordaram que ela fosse para a casa do primo Nonô. Era só mandar alguém de confiança para buscá-la. De confiança era Nonô, mas ele não podia largar seus duros e inadiáveis afazeres um dia sequer.

Então, Anna endoidou. “Vou mandar Raimundo para buscar Rosa!”

Mas não é possível, ninguém acredita! Colocar este menino com nove anos por estes sertões e invernadas, trilhos mal traçados, no lombo de um cavalo, quase trinta quilômetros, passar por lugares que ele nunca viu... é uma loucura!

- Rosa precisa ser buscada. Não há outro que possa ir. Vai Raimundo! – concluiu Anna. “Preparem o cavalo, vou arrumar a merenda. Ele sai amanhã pela madrugada. É bom sair bem cedo para render viagem. Vai sair às três”.

Raimundo, tímido, morria de medo, mas não podia dizer não. Estava decidido. E quando Anna decidia, estava decidido.

Na madrugada, às três horas, Raimundo já estava em cima do cavalo, merenda na trouxa.

- Vá com Deus, meu filho! Vai dar tudo certo. Faz tudo direitinho como mamãe explicou. Quem anda com Deus não tem medo de nada!

Lá se foi Raimundo. Andou o dia inteiro por invernadas e sertões, errou o caminho algumas vezes e voltava a reencontrá-lo. Era uma região muito deserta. De quando em vez avistava uma casinha ou uma fazenda. Estradas muito ruins. Havia pontes que, de tão podres e esburacadas, era melhor atravessar dentro do córrego com a água quase encobrindo o cavalo. Já à tardinha, quase noite, Raimundo aproxima-se do lugar onde deveria ficar a casa dos pais de Rosa. Não foi fácil encontrar a casinha, lá no fundo de uma grotta, bem escondida no meio do mato e chegada à estrada principal por um trilho quase invisível. Resumo: Raimundo chegou ao destino.

Ele foi recebido pelos familiares de Rosa com grande espanto. Tia Esperança, mãe de Rosa, comenta: “Donanna é mesmo louca. Colocar esse menino para vir até aqui... É loucura!”

Enquanto falavam admirados, preparam alguma coisa para o menino comer. No dia seguinte, bem cedinho, Rosa no arreio, Raimundo na garupa, regressaram. Rosa foi professora por mais de um ano. Alfabetizou os três filhos mais velhos. Não passou do bê-a-bá. Aprenderam a fazer algumas continhas e a assinar o nome, além de ler palavras mais simples.

Foi um ganho glorioso! Mas Anna não estava satisfeita. Os maiores precisavam aprender mais e os outros estavam chegando na idade de estudar. Inventou de ir para o arraial e depois para a cidade. Como, sem nenhum recurso?

Começou a escrever para Deus e todo mundo, até localizar um primo que vivia na cidade. Abelar era mesmo outro “virão”, parecido com a prima Anna. Conseguiu um trabalho para Nonô numa distribuidora de lenha, na cidade. A esse tempo, os fogões funcionavam com lenha.

Este era um trabalho que servia para Nonô. Criado na roça, poucas coisas podia fazer na cidade. O trabalho duro de serrar e picar lenha era tudo o que ele queria.

Poucos dias e lá estava Abelar com seu caminhãozinho velho para buscar a família e mudança pouca. Chegou à noite para sair na madrugada seguinte. Às três da madrugada começam a carregar o caminhão. Pouca coisa, logo estava tudo pronto para sair, ainda escuro.

Anna, Nonô, oito filhos, cachorro e gato, tudo em cima. Orações, choros, dura despedida do lugar que os vira nascer, crescer, sofrer, viver. Dirigiam-se para o desconhecido. Era uma aventura atormentadora.

Duas horas mais tarde, ainda bem cedinho, chegam à cidade. Uma casinha muito modesta, pequena para aquela família. No dia seguinte, Nonô vai ao trabalho, à pé, noutra extremo da cidade. Agora era hora de buscar escola para as crianças. Sem conhecer a cidade ou pessoas, tímidos, roceiros, matutos, não foi fácil.

Contudo, enfrentando toda sorte de constrangimentos, batendo de porta em porta, já na última semana antes do início das aulas, conseguiram que o casal mais velho se inscrevesse no último dia para o concurso de “admissão”, aquele verdadeiro vestibular para iniciar o ginásio de então.

Poucas chances para os meninos. A prova era no dia seguinte. Eles só haviam estudado na escolinha do arraial, em sala multisseriada, até o terceiro primário e não tiveram tempo de se prepararem para a prova,

Anna não queria saber. “Vamos lá, peçam a Deus e mandem brasa. Acredito muito no ensino da comadre Lourdes e na inteligência dos meninos “- sentenciou.

Realizada a prova, três dias depois o resultado. Em meio a centenas de candidatos, a menina classificou-se em primeiro lugar e o garoto em quarto lugar. Iniciam imediatamente o ginásio, para a esfuziante alegria de Anna.

Os outros filhos em idade escolar foram em seguida matriculados em escolas públicas para fazerem o primário.

Aqui, inicia-se um novo período na vida de Anna. Não menos trabalhoso e repleto de privações. As crianças estudando, Nonô dando um duro de sol a sol na lenharia, a renda muito pequena. Tudo tinha que ser medido e bem medido para atender o minimamente necessário. Mesmo Anna sendo singular nesse mister, foi uma fase difícil de atravessar. Só foi possível graças à incrível tenacidade dessa mulher.

Nesse período da jornada, com o surgimento dos fogões a gás e elétricos, a lenha perdeu espaço e a lenharia não mais produzia o mínimo para Nonô. Foi uma época de grande sacrifício. Ele teve que abandonar a lenharia e precisou trabalhar fora, em outro Estado, bastante distante de casa, para ganhar salário muito baixo. Arranjou emprego numa madeireira e só podia visitar a família de quinze em quinze dias. Fazia o trajeto de ônibus. Chegava sábado à noite e voltava domingo de madrugada. Como sempre na vida, muito trabalho e pouco dinheiro.

Anna, sozinha, cuidava da filharada e se virava com minguados recursos. Nos quatro, cinco anos desse sofrimento, os meninos cresceram, os mais velhos arranjam emprego e começaram a melhorar de vida. A primeira coisa que fizeram, então, foi trazer o pai de volta. Aposentaram-no por conta própria. Ele não tinha aposentadoria oficial.

Mais alguns anos, uns cinco, talvez, Nonô é vítima de brutal atropelamento ao nascer do dia, quando se dirigia à padaria. Morte instantânea. Golpe irremediável para a família. Estava apenas com 69 anos, repleto de saúde.

Contudo, vencida essa fase de tantas agruras, Anna, agora sem contar com seu leal e bom companheiro, carregava luto fechado e, em memória de Nonô, aumentou o rigor com a família e pode ver seus filhos serem bons exemplos na sociedade. Três advogados, dois médicos, duas pedagogas, comerciantes e administradores.

Hoje, passados dos noventa anos, Anna continua cobrando comportamento de seus filhos, netos e bisnetos. Os sonhos continuam.

Outro dia, fui visitá-la, conversar um pouco para aprender muito. Ao despedir-me, na varanda da sala, saindo para o portão da rua, disse:

- Donanna, até a próxima!

No que ela retrucou:

Donanna, não, este nome não existe, não gosto dele. Eu me chamo Anna.

E quando eu já estava na rua, ela gritou:

- Anna com dois enes! É assim que fui registrada!

Bilontra

Por que aquele pequira chamava-se Barquinho? Ninguém sabia, nem mesmo quem lhe deu o nome.

Era um cavalinho baio avermelhado, com uma pinta branca no formato de estrela no meio da testa. Duas patas, a dianteira esquerda e a traseira direita, brancas a partir do joelho até o casco. Não foi castrado. Por isso, manso, mas esperto. Fogoso.

Ganhei este pequira do meu pai, que o adquiriu numa troca. Eu tinha seis para sete anos de idade e o cavalinho também era um potrinho. Dei-lhe o nome de Barquinho. Não sei porque. Nunca tinha visto ou ouvido falar de barco e nenhuma relação teve a escolha do nome com água.

Este cavalinho haveria de marcar forte minha vida nos anos seguintes. Foi um dos meus grandes amores.

Nos anos subseqüentes, dos meus oito aos treze anos, Barquinho foi meu servidor e companheiro inseparável. No seu lombo eu ia à escola, a uns 11 quilômetros de distância, todo santo dia e, para sobrar, ainda fazia trabalhos na roça.

Meu cavalinho herdara a sagrada missão da sua espécie. O cavalo deveria receber um monumento da humanidade como seu maior benfeitor. Nenhum outro ser vivo foi tão útil ao homem no percurso da história quanto o cavalo. Sempre homenageei a espécie através de minha reverência à memória do Barquinho.

Sinto saudades, emociono-me às lágrimas, como agora, ao registrar esses fatos. Faço-o, talvez, mais por egoísmo, ao lembrar-me, já sexagenário, daqueles anos da infância e da juventude. Anos duros e bons. Não posso lembrar daquela época esquecendo-me de meus dois animais: meu cavalo e meu cachorro. Eles foram companheiros inseparáveis de longas caminhadas por caminhos muito difíceis. Na verdade, eram os meus amigos mais próximos, com os quais dialogava. Vivíamos juntos, sem qualquer dificuldade de linguagem. Nossa comunicação se dava até pelo olhar.

Se Barquinho me servia como meio de transporte, com a opressão de um arreio no lombo e um freio na boca, Bilontra – também não sei de onde tirei este nome – era amigo e companheiro voluntário. Seguia-me em todos os passos, meus e do Barquinho. Era um cachorrinho da raça pura “vira-latas”, branco com três manchas marrons arredondadas no dorso. Muito esperto, bravo, só acatava às minhas ordens. Se avançava contra o que fosse, só parava se eu o chamasse. Não atendia a mais ninguém. Fazia com absoluto rigor o que eu determinasse. Era muito inteligente.

Todos os dias, quando me preparava para iniciar a viagem, longa, até à escola, preparava o Barquinho, colocava o cabresto, o arreio, o rabicho, por fim o freio, pronto para montar, Bilontra se colocava ao lado, o rabo abanando, fazia festa e já saía à frente.

Conhecia o caminho como ninguém. Durante todo o trajeto, por trilhos à margem de rio ou por subidas íngremes nos muitos morros da região, sempre seguia alguns metros à minha frente.

Lá bem longe, quase chegando ao arraial onde se localizava a escola, tínhamos que atravessar o rio bem largo. A travessia se fazia por uma balsa presa a um cabo de aço afixado às duas margens. Nesta hora, menos por maldade e muito mais pelo gosto de vê-lo nadar – e como o fazia magnificamente -, eu não deixava Bilontra entrar na balsa. Era só esta descolar da margem, já Bilontra enfrentava o rio com total destemor.

Eu gostava de vê-lo nadar. Só com a cabecinha de fora d'água, parecia um corisco. Às vezes chegava na outra margem antes da balsa. A correnteza o conduzia um pouco para abaixo, mas quando a balsa ancorava, lá já estava Bilontra. Saía da água, dava aquela característica balançada no corpo para soltar o pelo e já estava a postos para seguir viagem.

Logo chegávamos ao arraial. No ranchinho coberto de sapé, próprio para tal, eu amarrava o pequirá, afrouxava a barrigueira, tirava o freio, colocava uma moita de capim e um pouco d'água em vasilha própria, uma espécie de gamela, e seguia para a escola ali ao lado. Era uma sala multisseriada, onde partilhavam o mesmo pequeno espaço os alunos de todas as séries do primário, sob a regência de Dona Lourdes, mestra de várias gerações.

Bilontra deitava ao lado do cavalo e ali permanecia como guarda rigoroso durante as quatro horas que durava a escola. Terminada a aula, era chegada a hora do retorno. Ao me aproximar dos meus amigos, Bilontra punha-se logo de pé, saudava-me com a característica balançada de rabo, fazia-me festa levantando as patas dianteiras sobre meu corpo, enquanto eu apertava o arreio. Ia montando, Bilontra já puxava a guia.

Minha mãe controlava meu retorno já ao anoitecer, quando Bilontra aparecia lá na volta do rio, a uns dois quilômetros da casa.

Certo dia – Ah que dia amargo! - Bilontra não apareceu pela manhã. Na hora de sair para a escola, faltava meu companheiro inseparável e infalível. O que terá acontecido, meu Deus! Bilontra nunca faltou!

Fui para a escola. Barquinho parecia não saber direito o caminho. Eu parecia estar noutro mundo.

Naquele dia, por duas ou três vezes, Dona Lourdes pegou-me disperso, avoadado, fora dali. Perguntou-me o que há com você, menino, parece que está perdido? Eu não disse nada, mas minha cabeça estava exclusivamente em Bilontra.

Terminada a aula, voltei à casa num galope só. Nunca fiz meu cavalinho correr tanto. Ao chegar, ainda de cima do Barquinho, gritei: - O Bilontra apareceu?

Ao receber a resposta negativa, já apeei chorando, inconformado, pressupondo coisa ruim.

No dia seguinte, ninguém me convenceu a ir à escola, nem mesmo a austeridade e rigor de minha mãe. Fiquei o dia inteiro procurando nos arredores, andei como barata tonta,

percorri longo trecho na beira do rio. Nada. Nada!... Não preciso dizer que aquela noite foi um martírio. Angústia e desespero, vontade de sair logo pela escuridão, gritando: - Bilontra, Bilontra!...

Ao amanhecer do terceiro dia, mamãe, preocupada com o meu desespero, buscou convencer-me de que deveria ir à escola.

- Quem sabe você encontrará o Bilontra em alguma fazenda no caminho? Ele pode ter se distraído no meio de outros cachorros ou ter sido atraído por alguma namorada.!

Toda esperança era fértil em mim naquele trauma. Concordei e como quem quer não querendo, montei desarranjado no meu pequirá, com destino à escola. Fazer o quê não sei, mas vou lá.

Vagueava sobre o cavalo, descia às margens do rio. A uns cinco, seis quilômetros distantes de casa, já bem próximo da travessia da balsa, o absolutamente dantesco surge aos meus olhos. Bem ali, num remanso do rio, em meio a umas galhadas secas, boiava o corpo inerte de meu Bilontra.

Fiquei totalmente transtornado. Uma vontade louca de jogar-me n'água, buscar o corpo d'aquela coisa linda, abraçá-lo. Sei lá, fazer tudo! Viver com ele, morrer com ele. Não sei que força impediu-me de uma loucura. Eu nunca soube nadar e aquele remanso era famoso pela profundidade.

Desci do cavalo, caminhei até a beirinha d'água, assentei uma pedra e alí, a uns seis a oito metros do que eu mais queria tocar e não podia, permaneci até anoitecer, o dia todo, sem comer e sem beber, desidratando-me em lágrimas marcadas pelo mais profundo sentimento.

Voltei para casa, narrei o que havia ocorrido e pedi para que fôssemos com alguns adultos e meios para retirarmos o Bilontra, pois queria tê-lo comigo, sepultá-lo como reverência a sua memória.

Logo voltamos ao local, munidos de cordas, varas, bóias, lanternas. Ao chegarmos, foi só iluminar o local com as luzes das lanternas para percebermos que o corpo havia se desgarrado da galhada e desaparecido na correnteza. Procuramos ainda um pouco mais abaixo, mas logo havia uma cachoeira muito alta e o rio entrava num desfiladeiro inacessível.

Pouco tempo depois, ficamos sabendo que caçadores de capivara, naquela noite fatídica, haviam confundido o Bilontra com a caça, acertando-lhe o mais desgraçado tiro de que já tive notícias.

Diálogo com Kant

Desci a ladeira íngreme, cheguei à beira do rio, logo abaixo da cachoeira, lugar longínquo da civilização. Ali encontrei Kant, assentado numa pedreira às margens da água vagorosamente corrente, depois do turbilhão da queda violenta que precedia a calmaria do remanso.

Kant fumava seu cigarrinho e usava chapéu, ambos de palha. Este, velho, bem ensebado. Camisa e calças cheias de remendos. Tudo desbotado. Estava descalço. Cabelos longos, meio grisalhos, barba rala, um pouco ruiva.

Aproximei-me, timidamente. Estava bastante emocionado por encontrar naquele ambiente bucólico alguém que tanto admirava, sem conhecer pessoalmente. Eu já vinha caminhando há algum tempo, “pensando na morte da bezerra”. Encorajei-me e me dirigi ao solitário pensador.

- Mestre, o que fazes aqui neste fim de mundo?

Kant levantou a cabeça, fixou seus profundos olhos em mim, meio surpreso, como se só então tivesse me notado ali próximo dele, e respondeu-me, pausadamente:

- Estava aqui na mais completa abstração, buscando encontrar-me com amigos. Se o jovem é meu amigo, vim estar com você.

Minha emoção intensificou. Até a respiração alterou. A adrenalina foi ao extremo. Esperei um pouco, deixei baixar a temperatura do meu ser e, em seguida, meio trêmulo ainda, busquei ponderar:

- Mas mestre, sois o farol para toda a humanidade, no campo do racionalismo, na crítica da razão; buscas levar os homens para o suporte dos valores éticos e morais, conduzes a todos para a nobreza da lógica, como podes estar aqui, tão longe do mundo?

Como se estivesse querendo dormir, Kant baixou os olhos, com tranquilidade, flertou o remanso e falou carinhosamente?

- Filho, o que sou está dentro de mim, não está fora de mim, e só sou porque estou aqui. Este ambiente nos levou à meditação e nossa abstração nos trouxe a esse agradável encontro.

- Agradável, felicíssimo para mim – quis ponderar.

Kant acenou-me com a mão direita, no sentido de que me calasse, e continuou:

- Não importa onde estejamos, é preciso tempo para pensar, mais do que para falar. Só pudemos construir este diálogo porque estávamos pensando, é ou não é?

Quis dizer alguma coisa, ele voltou a reprimir-me com o aceno de mão.

- Aqui, só encontro com quem quero. Os indesejáveis não vêm à beira do rio, em lugar tão longínquo. Encontrar com escolhidos é um privilégio. Esta

conversa só é possível porque sei que ela é agradável também para meu jovem, não só para mim. Estamos os dois fazendo a nossa felicidade por nossa escolha, porque a encontramos procurando fazê-la ao outro, não a si próprio. Isto é digno. Veja, amigo, logo ali está a cachoeira, muito bonita, as águas despenham por entre as pedras, daquela altura. As espumas, coisa passageira, parecem até dar cor à água, ficam brancas como leite. Entretanto, logo tudo se acalma. A água vira água outra vez. Olha o remanso, aqui, diante de nós. Lá, as águas estão gritando, ouça o barulho! (fez uma pausa e depois continuou) Aqui, elas estão mansas, silenciosas...

Pois é, lá, muito barulho, não há peixes, não há vida. Aqui, silenciosamente (ele fala em voz baixa) vivem os peixes. Estou aqui porque gosto de estar perto da vida.

Dito isto, Kant se levantou, fez-me um ligeiro aceno com o chapéu, afastando-o ligeiramente da cabeça com a mão direita e, como Moisés a caminho da terra prometida, atravessou o rio andando sobre as águas, e desapareceu na outra margem.

Deixei a pescaria para outro dia e voltei para casa.

(Novembro de 1994)

Missa de Ramos

Entrei pela porta lateral à esquerda, caminhei dois, três passos, encostei na parede para assistir à missa. A igreja já estava cheia, não havia mais lugar para se assentar.

Ali na igreja do arraial, a missa marcada para as onze horas, e que nunca começava antes das onze e meia, era sempre muito concorrida. Imagine no Domingo de Ramos, quando estes eram benzidos para proteção durante todo o ano, principalmente contra tempestades – mal se inicie uma chuva forte, com relâmpagos e trovões, é só queimar uma folha daquele ramo e tudo se amaina. Neste dia, confesso, mais assisti à missa do que participei dela, como deve ser.

O celebrante era desses padres animadores, com boa prática em dinâmica de grupo. Mesmo com uma platéia de fiéis muito tímidos, do interior, rudes, desconfiados, fez uma missa muito animada.

Todos traziam seus ramos, quase todos. Os ramos eram folhas de coqueiro. Algumas inteiras, de coqueiros médios. A missa se desenvolveu com muitos cânticos, bem conhecidos, puxados pelo padre. Os fiéis cantavam, muitos gritavam e agitavam os ramos, criando uma coreografia bastante mística e de bom visual. As pessoas cantavam e agitavam as folhas de coqueiro com grande fervor. Só faltava ali alguém estilizado e montado num jumentinho, para que se reproduzisse com fidelidade as cenas que se conhece de Jesus entrando em Jerusalém, no seu último domingo de vida terrena.

Eu observava, volto a confessar meu pecado, o desenrolar da missa, muito mais atento à análise sociológica daquele momento do que participante daquela celebração religiosa. Bem na minha frente havia uma pilastra que, conforme a posição do padre no altar, eu não o via. Então, eu tinha que dar um passo lateral para lá, para cá, para que não perdesse o reverendo de vista. Queria ter a visão do conjunto.

Chegou a hora da consagração e aí os ramos desapareceram, abaixados, e o silêncio se fez absoluto. Todos contritos, cabisbaixos, mão no peito, para a chegada de Cristo vivo entre nós.

Veio a comunhão e todos, quase todos, queriam ser a morada do Senhor. O celebrante orienta: façam duas filas pelo corredor central para receber a comunhão e voltem para seu lugares pelas laterais da igreja.

De onde eu me encontrava de pé, encostado na parede lateral, peguei de frente a metade dos fiéis voltando da comunhão. Que povo simples, meu Deus! Desajeitados nas roupas, fisionomias rudes, enrugadas, cedo envelhecidas. A imensa maioria muito pobre. Descontados os das famílias de Maneca Gravia, Manoel Marcelino, os Sezanos e os Lulus, o resto de aparência xucra da vida dura no trato rudimentar da terra bruta.

Olha, agora vem na fila, mãos postas, cabeça baixa, a Maria do Afonso, solteirona, tão simplória, nascida ali do lado da igreja, no arraial, há mais de sessenta anos, herdeira de seus pais sr. Afonso e da. Joaninha, proprietários da padaria do local. Imediatamente atrás vem Tinho, seu irmão, também solteirão, pouco mais novo que ela. Gente boa, Tinho foi goleiro do time do lugar durante muitos anos. É amigo de todos, sócio de Maria na herança da padaria e, nas horas vagas, o coveiro, quando algum defunto vai ser enterrado no cemitério dali.

Agora, vem o filho do falecido Orozimbo Pedreira, esqueci o nome dele, não chegou ainda aos cinqüenta, parece já ter ultrapassado os setenta. Só tem um dente, um incisivo superior que, de tão solitário, não gosta de ficar dentro da boca e é sempre aparente sobre o lábio inferior. Vem, como todos, cabeça baixa, mãos postas, ásperas. Nele, vestes muito simples, calça desbotada e remendada, azul cinzenta; camisa velha, mangas curtas; pés descalços, calosos, grossos, mais parece um casco de tatu, o dedão polegar enorme destacando-se sobre os outros, todos arreganhados, enchouraçados, enrugados, maltratados, sofridos. As unhas sujas e mal aparadas.

A comunhão caminha para o final, depois de muito tempo, em que vi passar diante de mim pessoas com as mesmas características de simplicidade, de bondade ingênua. Uma cidadania precária, carente. Uma felicidade intrínseca, paradoxalmente maior do que a sentida em outros círculos de muito maior conforto material.

Pronto, lá vem o Nirso Marangon, o último a comungar, magro, alto, um fiapo. Esse deve estar com uns cinqüenta e poucos anos. Sempre gostou de bola, mas foi ruim, coitado! Ficava o tempo todo dentro de campo e poucas vezes tocava na bola. Era parадão, sem jeito. Como pessoa, fora de campo, é gente muito fina. Educado, prestativo, amigo de todo mundo.

Chegamos ao fim da missa, nas orações finais. A animação volta com os cânticos e a agitação dos ramos abençoados. O povo sai e faz rodinhas logo na porta da igreja, se encontra para cumprimentos e conversa boba sem compromisso. Os compadres e comadres se aproximam. Todos, quase todos, são compadres e comadres.

Para alguns, a maioria, aqueles mais simples, a conversa se alonga. Falam do tempo, do clima, da plantação, do gado, dos cachorros, do cavalo, da sela, dos filhos, dos parentes. Acostumados, almoçaram cedo, antes da missa. Já foram com o bucho cheio. Os outros, em minoria, vindos ou familiarizados com os costumes da cidade, foram se desculpando e saindo sorrateiros para procurar o almoço, porque já era mais de uma da tarde e ninguém é leão para ficar com o estômago vazio àquela hora.

O velho e a árvore

Gosto de conversar com aquele velho. Jeremias, que atende por Jerê, homem simples, não sabe ler nem escrever, nasceu e viveu na roça, lavrador, trabalhou pra **sobrar** para manter os filhos, quatro, na cidade estudando e formando.

Quando Jerê venceu 70 anos, os filhos resolveram descansar o velho um pouco e o trouxeram, acompanhado da esposa, Dona Sinhá, para a cidade. Compraram uma casa boa, com uma bonita varanda na entrada e área de jardim circundando toda a esquina.

Seu Jerê possui elevado grau de sabedoria. Utiliza-se de metáforas para expressar seus pensamentos. Gosta de comparações com as coisas da natureza. Vive muito saudável ao lado de sua companheira de mais de cinqüenta anos. Hoje, já festejou mais de oitenta aniversários.

Outro dia fui vê-lo. Fazia tempo que não ouvia suas estórias. Cheguei e o encontrei assentado na sua cadeira de papai que ficava na varanda.

- Ô seu Jerê, estava com saudades... Quanto tempo sem vê-lo!

- É, você sumiu!... Assenta aí mesmo pra gente proseá.

Mal assentei, ele virou para mim e falou daquilo que, certamente, já matutava antes de eu chegar.

- Você tá vendo aquela árvore lá em cima, bem no pé da serra? Aquela bem mais grande que as outras?

- Sim, estou vendo – respondi.

- Tá sabendo bem qual é? É aquela que destaca mesmo.

É a mais bonita. A que a gente vê boa parte de seu tronco grosso acima das outras. Aquela tronco que a gente vê bem limpo, parece pescoço de mulher quando faz permanente, ondula o cabelo e leva para o alto da cabeça! A gente vê a nuca bem de fora. Parece pescoço de siriema. Pois é, aquela árvore que só nasceu galho lá bem encima! Aí os galhos espalharam na copa, igual o cabelo ondulado da mulher. Aquela copa destacada de folhas grandes, parece folha de taioba, verde escuro, forte. Brilha conforme a posição do sol. Já sabe bem de que árvore eu falo? – perguntou-me.

- É claro que sei – respondi

- Pois é, aquela árvore é minha – disse Jerê.

Retruquei: Você está ficando louco! Nem sabe de quem é aquele terreno!

- É, mas ela é minha e ninguém pode tirá-la de mim. Só

Deus. Ela é minha – continuou – porque eu a contemplo, converso com ela quase todos os dias. E ninguém pode me impedir disso. Só Deus, se me tirar a visão. Quem você diz ser o dono dela, é capaz de nem saber se ela existe. Eu, não; eu gosto dela. Ela faz bem aos meus olhos.

- Mas Jerê, o dono dela pode amanhã ir lá e derrubar a árvore. Você não pode!

- Não posso e não quero. Para ser derrubada, para matar ela, eu não quero ser dono - retrucou Jerê. Ela é minha como árvore, cheia de vida como está lá. Se for derrubada, não é mais árvore, é madeira, galhos, folhas secas, mortas. Como está lá, árvore, aquela dádiva da natureza, é minha, repito. E quem pode me tirá-la, a não ser Deus, te pergunto?

Domiciano

O homem era muito estranho. Uns diziam que ele era louco, outros diziam que ele era filósofo. Vivia de forma muito singular. Na roça, num casarão velho, moravam ele, adulto, com seus quarenta anos de idade, e sua mãe, já bem velhinha. Desde a infância manteve comportamento peculiar. Solitário e introspectivo, só se comunicava com sua irmã, um ano mais nova que ele. Assim, atingiu a adolescência cheio de pouca conversa e muito silêncio.

Certo dia, aos dezesseis, dezessete anos de idade, ao anoitecer, regressa do alto da serra, daquele capão de mato bem em cima da pedreira, onde ia sempre buscar a companhia de sua solidão, dando volta pela encosta lá prás bandas da invernoada. Chega e insiste com a irmã confidente para que ela voltasse ao mato com ele. Vira lá, narrava à irmã, um passarinho lindo, encantado, que ela precisava ver. A irmã ponderou-lhe não poder ir, porque já estava escuro, o mato ficava muito longe, em lugar ermo e muito selvagem. Ele insistiu com estranha perseverança, mas não a convenceu. Na realidade, já era noite fechada e não havia como chegar ao local, tampouco ver passarinho.

Pois bem, nesta mesma noite, altas horas, a irmã, preocupada com o acontecido, foi ao quarto do irmão ver se estava tudo bem. Qual surpresa, não o encontra! Acorda sua mãe, saem as duas, lamparina na mão, ao redor da casa, à procura do encantado com o passarinho. Chovia fino e estava frio. Chegou a pensar que Domiciano havia voltado ao mato, enlouquecido.

Depois de muita procura, o encontram no meio de uma bananeira, agarrado a um tronco, trêmulo de frio, completamente apavorado, não querendo voltar para dentro de casa. Dizia em alucinada fantasia que no seu quarto havia um homem querendo matá-lo.

A mãe se impacientou, brava e ignorante, voltou à casa, sem insistir com aquele maluco. A irmã, por sua vez, ficou com ele e ponderou que cuidaria de colocá-lo no quarto e escorar as portas de maneira segura, com escoras pesadas, capazes de impedir a entrada do monstro ameaçador.

Depois de exigir da irmã o compromisso jurado de que garantia sua segurança, voltou ao quarto para dali não mais sair até a morte. Morreu aos 66 anos de idade, com complicações hepáticas.

Recolhido a um quarto escuro, não gostava da luz do dia. Só saía à noite, altas horas, quando vagueava pelo pelo casarão ou em volta dele, pelos terreiros. Durante o dia, recebia a refeição numa marmitta, das mãos da mãe, pela porta do quarto entreaberta, e ali mesmo comia. Parece que só fazia necessidades à noite, porque ninguém jamais teve notícia de vê-lo fazê-las à luz do dia.

Tinha um defeito físico adquirido na infância. Uma espécie de paralisia que lhe deixou a perna esquerda atrofiada. Era coxo. Barbas e cabelos raramente viam tesoura ou navalha. Estavam sempre em desalinho. Vestia trapos e só andava descalço.

No seu quarto escuro recebia pouquíssimas pessoas, alguns parentes escolhidos por seu gosto. Essas pessoas o consideravam muito inteligente, meio esquisito, parecia adivinhar as coisas. Não tinha notícia de nada e sabia de tudo. Dava notícias corretas de pessoas que nunca havia visto ou que não via há muitos anos. Falava muito pouco e por metáforas, e aqueles poucos que tinham o luxo de gozar de sua inatacável privacidade, ficavam boquiabertos diante dele. Mesmo os parentes mais próximos, incluindo irmãos, gostava muito de alguns e não gostava de outros. Só recebia os de sua escolha. Havia, inclusive, um irmão que nunca conseguiu vê-lo depois de adulto.

Gostava particularmente de um cunhado, que morava a uma certa distância. Quando lhe interessava, mandava um recado através da velha mãe, e este amigo aparecia logo. Podia estar fechado no quarto, incomunicável por vários dias, era só o cunhado chegar, bater na porta e se identificar, ele entreabria a porta, permitia a entrada e lá conversavam longamente no escuro.

Nessa companhia foi visto algumas poucas vezes, mesmo durante o dia, em volta da casa. Se aparecia alguém, outra qualquer pessoa, corria logo e se recolhia no quarto escuro.

Era louco pelas atitudes e forma de viver. Era admiravelmente lúcido, inteligente e transcendental quando abria a boca para falar qualquer coisa. Esses poucos que gozavam de sua estranha privacidade, contavam que ele nunca havia errado um diagnóstico. Assustavam-se com a sua premonição. Parecia adivinhar tudo. Falava de acontecimentos passados e futuros com absoluta segurança. Contudo, não respondia a qualquer consulta, qualquer pergunta. Só falava das coisas natural e espontaneamente.

Não trabalhava. Quando muito, picava alguns gravetos de lenha para se exercitar um pouco. Quase sempre à noite.

Era analfabeto. Dormia muito pouco e falava sozinho e em voz alta. Parecia estar sempre conversando com alguém. Mantinha muitas vezes discussões acaloradas com quem só ele ouvia. Quando conversava realmente com as pessoas de sua escolha, falava em voz muito baixa e se expressava pausadamente.

Doido e filósofo. Não foi o primeiro.

Viveu e morreu anonimamente, este que se chamou Domiciano. Lembro-me dele da minha infância.

(Outubro de 1995)z

O primeiro defunto

Pobrezinha, morreu de tuberculose. Tão nova, ainda criança. Aquela montoeira de gente ali em volta não sabia da causa-mortis. Soubesse, não estaria nem por perto. Àquela época, a tuberculose era tida como doença altamente contagiosa. Encontrar alguém que se dispusesse a arrumar o corpo e fazer o enterro da vítima daquela peste danada, era uma dificuldade. Ninguém queria ficar perto do defunto, nem mesmo os familiares. Precisava aparecer um desabusado, sujeito destemido, que não acreditasse em assombração e gostasse de desafiar o perigo, para ultimar o enterro. E estes eram poucos na redondeza.

A coisa era tão tenebrosa que a casa onde morria uma vítima de tuberculose era, após a morte, desinfetada com lavagem de creolina e depois salgada. A cama e roupas eram queimadas. Mesmo assim, por muito tempo, os vizinhos se negavam a nela entrar.

Havia muita gente ali ao redor do caixãozinho daquela menina de onze anos, exposto no centro da igreja do pequeno arraial, no sertão de Rio Turvo. A morte tão rápida de uma criança levou o povoado ao erro na identificação da doença. Uma gripe muito forte, com febre alta, naquele organismo frágil e subnutrido, teria causado a morte, antes que a tuberculose se instalasse.

A presença de tanta gente naquele velório não se deveu a qualquer particularidade especial, nem prestígio da falecida ou de sua família. Também não atendia à singularidade do fato. Era muito comum mortes naquelas condições, por esses tempos, na região. Incomum era o que se comemorava naquela data, dois de novembro. Dia de Finados. Todos dali e até alguém de longe, assistiam à missa em intenção dos mortos e visitavam o cemitério. Por isso, o velório daquela desconhecida menina estava tão concorrido.

Houve até missa de corpo presente, não que o defunto fizesse por merecer, mas porque a missa de finados foi celebrada com aquele corpinho exposto no centro da igreja. A criança havia falecido à noite e seu corpo foi levado para a igreja antes mesmo do amanhecer. A primeira de sete irmãos, de pais muito pobres e ignorantes, moravam ali bem próximo, lá no Tijuco, logo aqui no pé do morro.

O povo ia chegando para o Finados e encontrava aquela cena de contundente realismo. A curiosidade era grande. Não é tão comum morrer com essa idade. As pessoas circundavam o caixão grosseiro, rústico, um caixote construído ali mesmo pelo Tião Cravo.

Eu morava longe dali, no interior, numa fazenda, lá pela invernada. Estava com onze anos, mesma idade da falecida e nunca tinha visto um defunto, nem mesmo um enterro, ainda que de longe. Tinha pouco informação sobre a morte. Raramente ia ao arraial e vivia isolado num canto muito escondido do mundo. Nunca podia imaginar que se pudesse morrer tão cedo!

Neste dia de Finados, eu estava na igreja acompanhando minha mãe, que viera de longe a cavalo, eu na garupa, para assistir à missa e ir ao cemitério rezar em intenção de nossos mortos. Minha mãe, não sei porque, entendeu de, naquele dia, aproveitar a oportunidade e apresentar-me ao nosso inafastável futuro. Me fez chegar ao lado do caixão e contemplar, por alguns minutos, aquele corpinho inerte, face magra, suave, esquelética. Aquela coisa terrível para mim. Foi um choque com profunda dramaticidade psicológica. Senti um calafrio de cima em baixo, minhas pernas tremeram. Vi e fiquei sabendo, ali, que há o fim e que este é o único fim inevitável, e que ele não discrimina, não marca hora e corrige todas as desigualdades..

Acabada a missa, saiu o cortejo levando o caixãozinho. O cemitério ficava bem próximo, a coisa de mil metros, no espigão fronteiro à igreja. Os sinos, os dois, o grande e o pequeno, pelas mãos do sacristão, repicavam o toque fúnebre: dim!...dim!...dim!...dom!...dom!...dom!...

Assisti, perplexo e confuso, ao enterro. Era hora de voltar para casa, a duas léguas de distância. Pulei na garupa, seguimos estradas precárias, verdadeiros trilhos. Chegamos já era noite escura. Aquela imagem dantesca não me saía da cabeça. Naquela noite, não consegui dormir. Tive crise nervosa à noite, insônia, intensa morbidez. Meu pai teve que se levantar, altas horas, para conversar comigo, procurar desviar o pensamento. Ele não fora ao arraial nesse Finados. Ficou em casa cuidando das coisas. Não havia quem ficasse tomando conta dos animais. Minha mãe contou-lhe tudo que havia acontecido.

Eu estava tremendo de medo. Meu pai tirou-me da cama, fomos para a cozinha. Ele acendeu a lamparina de querosene, fez fogo ajuntando alguns sabugos do milho debulhado naquela noite, pelo piso espalhados. Ali, em torno daquelas brasas, meu pai, paciente e com a sabedoria da experiência colhida na largueza do sertão, a vida revivida nas lições da natureza, começou a picar o fumo e enrolar o cigarro, e falou-me:

- Filho, todas as coisas que têm vida morrem. Você já viu quando matamos porco, quando matamos frango. Viu, outro dia, a vaca Pedralva. Ela caiu do barranco, machucou-se muito, tivemos que matá-la. Esses animais, quando morrem, quando nós matamos eles, é para nos servir de alimento, a não ser quando morrem de doença. Nós, os humanos, quando morremos, como não comemos gente, nosso corpo é enterrado, conforme você viu hoje com aquela menina. Tudo que tem vida morre, meu filho!... Você já viu quando vamos roçar o pasto, o mato que vai sendo cortado, logo começa a murchar, depois seca, morreu!... Só as pedras não morrem...

Nesse instante, interrompi os esclarecimentos e disse:

- Então, pai, é melhor ser pedra!

E ele continuou:

- Não, meu filho, a pedra não recebeu o sopro da vida. Ela existe e não sabe que existe. Ela não tem consciência. Ela não sabe amar. Ela não tem alma. Pois é, eu estava me esquecendo de explicar o mais importante: esta alma que temos é imortal. O que morre é o nosso corpo, é a

vida aqui na terra. Aquele sopro da vida que Deus nos deu e que a pedra não tem, este não acaba. Você, hoje, viu ser enterrado o corpo daquela menina, mas sua alma está viva em outro plano, ao lado de Deus. De lá ninguém volta para contar, mas dizem que é a plena felicidade. Não há como provar. Contudo, a fé e a crença nisso é o que nos distingue da pedra.

Nesta altura, eu já estava cochilando, e mal percebi o galo cantar como que anunciando o nascer do novo dia.

O farmacêutico do lugar, doutor no seu ofício, que assistiu àquela menina nos seus instantes extremos, assegurou-me, muitos anos depois?

- Ela morreu mesmo de tuberculose brava. Todo mundo sempre achou que ela morreu por causa da febre alta e da gripe forte...

Um dia dos meus dias

O avião levanta vôo. São 14:15 horas. Deixamos São Francisco, Califórnia. Vejo a baía lá embaixo. Fixo minha retina como que desejando fotografar na memória a imagem dessa cidade de tantas atrações, parecida com o nosso Rio de Janeiro. Claro que não tão bonita!

Mal o avião se afasta e me foge da visão aquela imagem, vem-me à mente a recordação daquele dia. Levantei-me bem cedo. Era costume fazê-lo. O dia ainda não havia aparecido. Estava bastante escuro. Era inverno, possivelmente 1º de julho. Peguei meus poucos agasalhos, apenas uma blusa leve, calça curta, pés descalços, deveria ser 3:30 da madrugada. Estava com meus 10, 11 anos de idade. Lavei o rosto na bica que ficava a uns cem metros longe de casa, voltei à cozinha, retirei do fundo do fogão, de debaixo das cinzas, a batata doce que colocara para assar na noite anterior, sob as últimas brasas do dia. Estava bem assadinha. Tremendo de frio, comendo a batata e andando rápido para procurar esquentar, saí pelo pasto para buscar as vacas. A serração era grande e havia dificuldade em localizar o gado. À tardinha do dia anterior eu havia observado para onde caminhava o rebanho, mas ele costuma mudar de destino à noite. Entretanto, deveria estar no chapadão, bem no alto. As vacas gostam de dormir lá. É duro chegar lá em cima, o frio não está de brincadeira, os pés já estão duros e a geada do capim parece que corta a gente. Depois de meia hora de subida, já quase sem aguentar o frio, chego ao chapadão e, felizmente, encontro as vacas. Outro dia, quase morri de frio. As danadas foram para outro lugar.

A primeira vaca que encontrei foi a Estrela. Levantei-a e corri para o lugar onde ela estava. Ali aqueci um pouco os pés. Aproveitei e enfiei os pés no estrume mole. Estava bem quente, que bom! Foi um alívio. Logo dali mesmo avistei as outras vacas, que estavam reunidas um pouco mais à frente. Sem sair daquele local, comecei a gritar o nome delas: Boa Vista, Pintada, Beleza, Marron etc, e a tocá-las para o curral. Daí a pouco, mudei de bosta, fui levantando as vacas e tomando seus leitões para aquecer-me e, em seguida, comecei a caminhar levando o rebanho para o curral. Havia duas ou três vacas preguiçosas, sem vergonhas, que não acompanhavam o rebanho, se apartavam e tinham que ser tocadas de perto, obrigando-me a andar de um lado para outro, voltando a enfrentar a geada. Enfim, descíamos o morro, chegávamos ao lajeado, atravessávamos o córrego, água dura de frio e caminhávamos até a casa.

Já eram quase cinco horas. O retireiro estava pronto para começar a tirar o leite. Eu o ajudava nessa tarefa. Todas as vacas estavam no curral. Soltava o bezerro, amarrava a vaca, amaciava os peitos com as primeiras chupadas do bezerro faminto e, em seguida, amarrava também o bezerro. O retireiro, meu pai ou Desidério, tirava o leite e desamarrava a mãe e o filho. A outra já estava preparada. Isto acontecia sucessivamente com todas as leiteiras. Finda esta parte, o dia já claro, era hora de soltar as vacas: as de bezerro novos, juntamente com eles, até mais tarde; as de bezerros grandes, separadamente. Os bezerros ficavam no pastinho de dentro.

Era preciso correr para aguar a horta antes que o sol nascesse. Com a cuia jogava a água daqueles pequenos poços feitos em volta dos canteiros de couve, alface, almeirão, cenoura, vagem, jiló, quiabo e pouco mais. Fazia mais alguns serviços na capina da horta, tratava dos porcos e das galinhas, e já estava na hora de lavar os pés, as pernas, os braços, o rosto, meio banho para mudar de roupa e ir para a escola.

Este era o meu primeiro ano de estudo. A escola ficava muito distante e para nela se chegar caminhava-se pelo sertão e invernada, atravessava-se o rio pela barca – e era perigoso demais para uma criança de pouco mais de 10 anos. Vou no pastinho de baixo pegar o Barquinho, meu pequirá e companheiro. Enquanto arreo o cavalo, minha mãe termina o almoço composto de arroz integral colhido ali mesmo (e que eu havia socado no pilão na noite anterior), feijão, angú, alguma verdura e batata doce, tudo colhido e preparado pela família. O fubá para o angú foi moído no moinho movido pela água por gravidade. O milho era colhido, descascado e debulhado manualmente. Numa noite socava-se o arroz, na outra descascava-se e debulhava-se o milho, alternadamente.

São 9:30. Almoço, associo meu segundo companheiro, o cachorrinho Bilontra, monto no Barquinho e iniciamos, os três, a longa e difícil caminhada de 11 quilômetros até a escola. A estrada é formada de pequenas trilhas, numa região montanhosa, com subidas e descidas constantes. São poucos os trechos planos. Ah, me esqueci! Trago comigo, além dos companheiros Barquinho e Bilontra, a merenda preparada por mamãe e composta de angú, colocado numa lata, e uma garrafa de leite. Eu vou misturar leite com angú na hora da merenda. Hoje, estou feliz, não é tempo de chuva. Na época das águas, é duro chegar até a escola.

Por volta das 11:20 completamos o trajeto. Chegamos à escola. Dirijo-me ao barracão de sapé que fica nos fundos. Amarro o cavalinho, o Bilontra fica por ali perto até o fim das aulas, às 16 horas. Minha classe é multisseriada: a mesma sala, o mesmo horário e a mesma professora para a 1ª, a 2ª e 3ª séries. O maior número de alunos é do meu grupo de 1ª série. A desistência é muito grande, poucos chegam à 3ª série. Havia, no total, 28 alunos.

Dezesseis horas. Tenho que iniciar o retorno. Dirijo-me ao cavalo, ali do lado está meu grande amigo Bilontra. Ao perceber minha aproximação, faz festa, balança o rabo, pula, corre em minha direção carinhosamente. Respondo à manifestação amistosa, aperto o arreo, monto e vamos de volta. Alí pelas 17:30 estamos chegando. O Bilontra vai bem na frente e já leva a notícia de que tudo esteve bem. Chego, desarreo o cavalo, passo-lhe uma escova, dou-lhe algum milho e cana picada e solto-o no pastinho. O arreo, eu o guardo no sobrado da casa. Nesta hora, a janta já está pronta. Pego meu prato, sirvo-me no fogão, assento-me num canto e gasto alguns minutos para jantar. Mamãe preparou aquela comida simples com muito carinho.

É quase noite. Cuidamos dos últimos trabalhos da tarde: dar comida aos porcos e galinhas, fechar as porteiras, trazer alguma água para dentro de casa, virar os queijos para que eles salguem bem, verificar para que lado caminham as vacas.

Anoiteceu. Pego a lamparina e vou estudar a lição de hoje na aula. Antes de me deitar, vou ajudar os outros da família a descascar e debulhar milho para o consumo. Depois de termos debulhado uns 15 litros de milho, tomo uma caneca de leite, coloco uma bonita batata sob as brasas no fundo do fogão e vou me deitar. Não sinto, mas estou bastante cansado.

Já na cama, colchão de palha de milho, travesseiro de paina, roupas de dormir muito simples, faço as orações que mamãe me ensinou, agradecendo a Deus tudo de bom que ele nos concede. As pulgas não conseguem impedir o sono. E devo dormir até amanhã às 3:30 da madrugada, quando serei acordado pelo papai.

Observação: Parece-me que seria bom que a narrativa voltasse ao avião, onde tudo começou. Algo deve acontecer para que o flash back seja encerrado.

João Duro

Acabou a aula, montei no pequirá, meu guia de todos os dias, o cachorrinho Bilontra sai na frente. Nem começo a sair do arraial, ladeira abaixo, encontro João Duro. Ele ia prá mesmas bandas.

João Duro é nego espigado, reto, anda esticado, sua coluna não enverga. Por isso, é duro. É sozinho no mundo. Ninguém conhece sua origem. Vive na redondeza. Dia aqui, dia alí. Não gosta muito de trabalhar. Só faz pequenos biscates. Pegar prá valer, mesmo, nunca! É meio doido, meio filósofo. Diz coisas muito engraçadas. Metido a saber das coisas por adivinhação. Não faz mal a ninguém. Todos gostam dele.

Quando encontrei João Duro na saída do arraial, depois da aula, no regresso para casa, logo puxou conversa. Ele ia a pé. Só andava a pé, naquele passo de urubu cansado, lento, pachorrento. Esqueci da vida e fui acompanhando os passos e as história do João Duro. Região montanhosa, fomos sobe, desce, os trilhos das ladeiras intermináveis.

Eu costumava fazer o trecho de 11 quilômetros da escola à minha casa em aproximadamente uma hora e quinze minutos. Deveria chegar em casa entre cinco e meia da tarde. Pois bem, neste dia, graças à boa companhia de João Duro, na hora em que eu deveria estar chegando, ainda estava no meio da estrada. Minha mãe, sempre muito zelosa, estava desesperada com o meu atraso inexplicável. Eu, tranquilo, esquecido do mundo, ouvia as histórias engraçadas do bom companheiro João Duro, e minha mãe, em casa, sofrendo e nervosa, sem saber o que poderia ter ocorrido. Eu não atrasava nunca.

Na estrada da invernada, já noite escura, na entrada para minha casa, a poucos metros de distância, João Duro despede-se e diz que vai adiante. Então, eu lhe disse que estava achando que ele ia dormir lá em casa naquela noite. Respondeu-me que não, e já foi dando até mais ver, e continuou andando.

Foi aí que senti a dificuldade. Já não levava comigo o meu “habeas corpus” pelo atraso. E teria que enfrentar, sozinho, a bravura de minha mãe. Exigente. Enérgica.

Cheguei. Ela já estava colocando a alma pela boca. Um menino de 11 anos de idade, até esta hora na estrada, fazendo o que?

Falei a verdade. Levei uma esfrega daquelas. Depois que me exemplou, disse aos gritos: “Sô João Duro, você vai ter que ouvir quando eu te encontrar...”

As cigarras da China

O mormaço era forte, verdadeira estufa. Estávamos hospedados na antiga embaixada da Birmânia, na cidade de Pequim, como convidados do governo chinês. Eram duas horas da tarde do mês de julho de 1980. Dispúnhamos de 40 minutos, logo após o almoço, para pequeno repouso, depois de uma manhã de caminhadas intensas pela cidade subterrânea de autodefesa contra ataques atômicos – verdadeira psicose dos chineses.

O prédio que nos acolhia era uma construção robusta, de dois pisos, na forma de U invertido, de frente para a rua que vai dar direto na Praça da Paz Celestial, com frondosa arborização no jardim central, entre os prédios laterais, perpendiculares, e o dos fundos, paralelo à rua. Na parte da frente, ao nível da calçada, um muro bastante alto e dois portões bem guardados de entrada e saída da antiga embaixada. Estávamos ali, no segundo piso, onde ficavam os dormitórios, amplos, com sacadas equipadas com confortáveis poltronas para o jardim interno.

O calor era tão sufocante que tivemos de nos acomodar nas sacadas durante aquele desejado descanso, após o almoço, na busca de alguma ventilação, por menor que fosse. Conversávamos sobre a contradição de um povo pobre, simples, fazer tanto sacrifício para a construção daquela cidade subterrânea sob a Pequim conhecida, para proteção de um imaginário ataque atômico, que tanto atormenta os chineses, quando tivemos a tenção atraída para a sinfonia admirável das cigarras espalhadas naquelas árvores do jardim, bem junto de nós.

Foi aí que Baldo, nosso companheiro de viagem, comentou, com simpática ironia, que observássemos que na China também havia cigarras, que elas eram igualzinhas às nossas do outro lado do mundo e, o mais transcendental ainda, falavam a mesma linguagem universal, enquanto nós, os civilizados humanos, passávamos pelas maiores dificuldades para nos comunicar em idiomas tão vários e diversos.

Todos que estávamos ali – éramos treze- constatamos que as cigarras da China são iguais, em tudo, às brasileiras, e ficamos a nos indagar: "será que são as mesmas em todo o mundo?" Concluímos, entre nós, não haver razão para serem diferentes.

Neste instante, Miguel complicou: "qual a razão de nós, tão inteligentes, sermos diferentes e falarmos idiomas tão variados?"

No dia seguinte, ao anoitecer, estávamos no mesmo lugar, procurando amenizar o intenso e abafado calor, e pudemos observar que as andorinhas da China, em profusão e irrequieta algazarra, entre as mesmas árvores e as arcadas do vetusto prédio que nos hospedava, eram, também, como as cigarras, iguais às brasileiras, no físico e nos sons que emitiam.

Dias depois, na cidade de Hangzhon, fomos levados ao zoológico para ver o urso Panda, que só existe ali. Este, diferente das cigarras e das andorinha, não é universal.

No regresso, estávamos cativados pela simples e xucra hospitalidade dos chineses. A China é muito diferente, mas é muito parecida com o nosso Brasil e, quem sabe, com o resto do mundo!

Assombração

Conheço todo esse mundão nas costas de cavalo. Andei por essas invernadas como cachorro sem dono. Quantas vezes atravessei a picada à noite, na escuridão, no meio da tempestade, com raio caindo por todo lado. Lugar perigoso de passar. Trilho estreito sobre pedras, entre a serra e o rio, margeando a cachoeira que despenca de uma altura de cem metros, numa distância de quase um quilômetro. O cavalo assustava, refugava, a espora corria e o bicho avançava.

Bem ali na cava funda fizeram uma emboscada, certa vez, pegaram o Zeferino, temido na região, mataram o homem pauladas e o jogaram no rio. O corpo do valentão foi encontrado todo quebrado no remanso, lá no pé da cachoeira.

Todo mundo sabe na redondeza que quem fez o serviço foram os Malaquias, gente encrocada, mas ninguém assume. Fala-se à boca pequena, mas quando chega um deles, o pessoal treme.

Zeferino tinha uma rixa brava com os Malaquias por questão de divisa de terras. Era acusado de ter matado umas cabeças de gado que pertenciam aos suspeitos de sua morte. Zeferino dizia que era perseguição, que o gado foi morto por um raio que caiu de noite sobre uma árvore, debaixo da qual as reses tinham se abrigado.

Numa noite dessas, o Zeca Venâncio voltava do arraial, altas horas, bastante goleado. Encontrou uma assombração bem no pé da porteira, lá na frente, na entrada do boqueirão. Conta que vinha montado na mula em marcha lenta. Na reta que vai dar na porteira, a cerca de 300 metros, o animal refugou. Bufava e relinchava, levantava as patas e subia nos pés. Não andava nem à pau. As orelhas esguias e os olhos fixos lá na porteira.

Foi aí que sentiu um calafrio, se arrepiou todo quando viu lá no pé da porteira um vulto branco, que emitia um som estranho, parecido com ronco de porco gordo. A porteira entreabria seguidamente e batia no batente, produzindo outro som que infernizava ainda mais aquela madrugada.

Mula, bicho danado de arisco, nunca entra em atoleiro, vê longe mesmo à noite e tem um faro que sente cheiro de trás do morro. A de Zeca Venâncio era uma mula muito especial. Adivinhava o que ele queria. Muitas vezes já o levou à casa, a salvo de perigo, por essas invernadas à fora, mesmo com o cavaleiro dormindo o sono da embriaguez, sem dar conta de nada. Zeca Venâncio matava ou morria por causa daquela mula, a Lampreia.

Aquela era noite de lua cheia, encoberta pelas nuvens, o que dava uma claridade lusco-fusco. Quando não ventava nessas infinitas invernadas, o silêncio era ensurdecedor. Nessa noite de complicação para Venâncio, o vento soprava forte, produzindo um zunido que enriquecia aquele ambiente assombrado.

Zeca Venâncio é sujeito desabusado, e não tem medo de assombração. Desceu da mula, amarrou-a num arbusto. Saiu da estrada, subiu pelo pasto até o alto. Quando chegou lá em cima, no valo que ia dar na porteira assombrada, começou a descer beirando o valo, apanhou algumas pedras e passou a atirá-las lá de cima, na direção da assombração. Lentamente, foi se aproximando. Lá estava o estranho vulto branco, roncando e fazendo a porteira bater.

Mesmo com toda a coragem, não foi fácil para Zeca Venâncio se aproximar daquele arrepiante objeto não identificável. Pensou muita besteira. Por fim, convenceu-se de que se tratava da alma penado do seu antigo amigo Zeferino.

- Vou lá ver o que ele quer. Correr é que não vou. Nada pode me fazer de mal – concluiu Zeca Venâncio.

Pegou um bom pedaço de pau e foi chegando lentamente. Quanto mais se aproximava, maior era o terror. Quando estava a uns 20 metros, o bicho deu uma estrebuchada e roncou mais forte. Aí foi duro. Zeca Venâncio quase engoliu palavra e saía correndo. Só deu um pulo para trás e firmou o pé.

- Não, não vou fugir. Se ninguém nunca falou com assombração, hoje eu vou falar - era o que pensava.

Voltou a caminhar firme e lentamente e começou a gritar sem obter qualquer resposta.

- Ôpa!... Ô bicho do outro mundo!... Vou te meter o cacete! Fala desgraça! – gritava e se aproximava.

Nada, o vulto com aspecto de um homem usando uma capa branca só fazia pequenos movimentos, roncava e com os pés empurrava a porteira, fazendo-a bater.

Zeca Venâncio chegou bem perto da assombração. Tentou conversar. Fez perguntas. Nenhuma resposta. Seu corpo estava todo arrepiado.

Retornou pela estrada até a mula, conseguiu puxá-la até a porteira. Pegou a assombração, colocou-a na garupa, montou e continuou a viagem.

A assombração era Jerônimo, seu conhecido, que morava lá prá cima de sua casa. Havia enchido a cara no arraial e, quando chegou a cavalo na porteira, ao tentar abri-la, caiu. O cavalo fugiu e ele não conseguiu se levantar. Tinha bebido como gambá. Roncava como porco e batia instintivamente com os pés, fazendo a porteira entreabrir.

Aquela estrada é perigosa e assombrada. As pessoas não gostam de andar por ali, muito menos à noite. Mas esse é o caminho de muita gente.

(Brasília, novembro de 1994)

Primeiro Domingo

Andei bem mais de légua. Era muito morro e pouca baixada. Subir e descer. A estrada era danada de ruim. Um trilho penado subindo a encosta prá lá e prá cá. Chega lá em cima, já tem que descer. Tudo igual.

Depois de uma *loita* de morte, cheguei ao arraial. Logo na entrada, a vendinha do Ném. Muita gente lá dentro e, também, por de fora, ali perto da porta. Bate papo de todo jeito. O Ném é danado. Conversa pouco. Não é de fazer graça, mas agrada todo mundo. Não faz favor a ninguém e o povo gosta dele. Tá com a venda sempre cheia, abarrotada. Ali vem gente séria comprar coisa útil, importante. E param, também, todos os cachaceiros. É uma confusão dos infernos. Briga séria não dá, porque Ném impõe respeito. O engraçado é que a vendinha é pequena, mas tem de tudo. Um mafuá dos diabos.

O arraial, que fica bem no alto, no topete do morro, tem as casas plantadas numa espécie de roda, com os fundos para a beira da encosta e a frente para uma praça central, também redonda como uma bola. Bem no centro, pouquinho a oeste, o campo de futebol. Para leste, ao lado do campo, um pouco mais alto, a Igreja, bem na ponta do topete. Entre o campo e a igreja, a única rua que corta o arraial pelo meio.

O lugar, por ser muito alto, venta muito e quase sempre faz frio. À noite, então, não tem jeito, esfria mesmo. Quem vai prá lá desprevenido, sem levar agasalho, sofre e tem que dormir mais cedo.

Do outro lado, oposto à venda do Ném, na outra entrada do arraial, pelo sul, virado na direção da cidade, que distancia sete léguas, parte um pouco mais baixa, de cá não se enxerga lá pelo desnível, lá mora Albertina, mulher madura, solteirona, virgem, beata, conhecida em toda a redondeza, estimada, pura, engraçada.

Albertina era a arrumadeira da igreja. Cuidava de tudo, ensaiava o coro, promovia o terço às seis horas, na hora da Ave Maria, organizava a novena do Sagrado Coração de Jesus, arrumava os anjinhos para a coroação de Nossa Senhora, todos os dias do mês de Maria. Maio inteirinho.

Os garotos mais levados do lugar, querendo tocar seus brios, faziam chacota de que ela tinha um caso com o Padre. Pura invencionice de desocupados. Já estava bastante idosa e era feia de morrer.

Não havia quem não gostasse da Albertina. Gente muito fina. Bondosa, caridosa, solidária. Vivia prá pensar nos outros.

Cheguei bem cansado, camisa molhada de suor, rosto pingava. Fui entrando no arraial, procurei a casa de Dona Maroca, amiga da família. Ali dei uma lavada no rosto, tomei um café com biscoito de polvilho e fui para a igreja. Era costume ir rezar um pouco, para agradecer ao padroeiro tudo de bom que ele nos dá. Já era quase meio-dia.

No arraial era assim mesmo, o padre marcava a missa para as onze, mas só a iniciava depois que todos chegassem de todas as partes. Isso sempre ocorria bem perto do meio-dia, ou um pouco depois. Tinha gente que vinha muito de longe. Até três léguas à pé. Mas vinha, com sol ou com chuva.

Era o primeiro domingo do mês, e todo primeiro domingo tinha missa no arraial. Este era o dia de conversar com Deus e conversar com os amigos, os vizinhos da região. Não havia outro dia de encontro de todos, a não ser as festas, bastante raras, poucas por ano.

Depois da missa, as conversas se davam ali mesmo, no adro da igreja. Conversas rápidas. Quase todos eram compadres e comadres. Nesta oportunidade, ali mesmo, além das saudações, fechavam algum negócio, compra e venda, troca de gado, da mula, do cavalo, daquelas arriata, aquela junta de boi. O cachorrinho você pode buscar, compadre, não custa nada. É seu.

Não posso me demorar. Preciso voltar para chegar em casa a tempo de apartar as vacas. Pé no caminho que a caminhada é longa.

(Outubro de 1995)

Gota de Orvalho

De manhã bem cedo, os primeiros raios do sol aquecem o amanhecer de noite muito fria, desliza mansamente sobre a folha de taioba aquela gota de orvalho como uma pérola cristalina. Não está solitária, são dezenas delas, como que fazendo das grandes folhas verdes repositórios terrestres de estrelas prateadas e movediças.

Concentro-me naquela gota. Ela vai deslizando até a extremidade inferior da taioba e precipita-se para o seu fim, mergulha na terra para transformar-se em seiva de outra vida.

Aquela gota de orvalho era de beleza transcendental. Não há prateado igual. Forma oval, tamanho de um caroço de feijão. Existiu um dia em meio a tantas outras. Todos os dias que sucedem noites frias nascem em meio a muitas gotas de orvalho.

Gosto de contemplá-las. Agora, preciso cuidar de aguar a horta. Percebo, como que surpreso, que há gotas de orvalho sobre todas as folhas de todas as verduras. O dia que nasce com muitas gotas de orvalho sobre as folhas de taioba, nasce sob o signo da fertilidade. É preciso termos taiobas bonitas para podermos contemplar a gota de orvalho.

(Junho de 2001)

Eu vi

A noite estava muito escura. Era um breu. Nada de lua ou de estrelas. Aproximadamente meia noite. Passava bastante das onze horas. Não conferi no relógio a hora certa. Vínhamos pela rodovia BR-267, no trecho Leopoldina/Juiz de Fora. Eu e Procópio, meu companheiro de muitas viagens pela região. Vivíamos o fim da década de 80, não me lembro bem o ano. Procópio, aposentado e bem aposentado, livre de compromissos, acompanhava-me por simples amizade nas minhas voltas pela redondeza. Eu no volante do Fiat 147 e ele ao meu lado, puxando conversa, contando histórias. Gostava de piadas e sempre tinha alguma nova no repertório.

Nessa noite, quando entramos numa reta da rodovia, bastante comprida, uns três quilômetros, Procópio chama-me a atenção. Em sentido contrário à nossa direção, numa distância de alguns quilômetros, talvez uns oito ou dez, pouco à esquerda da estrada, com pouca altitude, coisa de quinhentos metros, aparecia uma aeronave muito iluminada, luzes douradas piscando por todos os lados. Olhei e mesmo achando estranho, tranqüilizei meu companheiro dizendo tratar-se de um avião voando baixo.

Poucos segundos e retrucou-me Procópio:

- Mas que diabo de avião tão lento! Olha como voa devagar!

E, aí, já dava realmente para perceber a extrema baixa velocidade para ser avião. Mas continuei a minimizar a estranheza do fenômeno. Repliquei que deveria tratar-se de um helicóptero, mesmo a essa altura, tendo consciência da impossibilidade de sê-lo pelas características do vôo. Conheço bem a região e nada justificaria um helicóptero naquela hora e naquele local.

A aeronave aproximava-se. Resolvi parar o carro, estacionando no acostamento, bem no meio da reta. Saímos do carro. Debrucei-me sobre o mesmo, e aí meu espanto aumentou. Percebi não se tratar de avião ou helicóptero. Estava muito próximo, não fazia qualquer barulho. Absolutamente silencioso.

- Procópio, você não está vendo que é um balão! – exclamei.

- Que balão, meu chapa, olha a quantidade de luz e a rota que ele faz!... Vê se balão anda assim!...

Neste instante, naquele silêncio profundo, na escuridão da meia noite, a estranha aeronave, já muito próxima de nós, uns dois mil metros, se muito, bem à nossa frente, sai da esquerda da estrada e sobre ela, em uma altitude não superior a quinhentos metros, faz uma diagonal. Passando para nossa direita, avança uns mil metros e, normalmente, em paralelo à estrada e em linha reta, ultrapassa o ponto no qual nos encontrávamos. Estava muito próxima de nós, dava para vê-la com total nitidez. Ela voou talvez outros mil metros e parou de repente, luzes por todos os lados, agora já na nossa traseira. Ficou parada por uns dois, três minutos e, outra

vez em diagonal cruzou a estrada e em linha reta voltou para nossa esquerda. Agora, já à direita, quando nos viramos para olhar para trás.

Não fossem a rota e as luzes, daria para concluir logo tratar-se de um balão. Mas balão não navega daquele jeito e nunca vi algum com tantas luzes. Luzes brilhantes como faróis, algumas contínuas, outras piscando com enorme rapidez. O objeto tinha a forma de uma pirâmide, só que arredondada na base, com um diâmetro aparentemente de uns dois metros, afinando até a uma altura de pouco mais de um metro.

Entramos no carro, ligamos todos os faróis que ficaram totalmente apagados enquanto observávamos aquele magnífico objeto, e seguimos viagem.

Procópio ficou transtornado e repetia sem parar ter visto um disco voador. Não falava noutra coisa durante muito tempo.

Eu disse a ele para parar com aquilo, porque não existe disco voador. O que vimos foi um Ovní, mas certamente era coisa da terra, não do céu.

Esse balão me deixou com a cuca fundida. Eu vi.

Marginal*

Nasceu numa casa típica da região, coberta com sapé, paredes de pau-a-pique e piso de chão batido. Era uma casa de pobre rústica, onde moravam seus pais, herança de avós. Ali, às margens do rio, bem próximo da barra do Pirapetinga, no sertão do Rio do Peixe, Desidério cresceu e muito cedo entregou-se ao trabalho de seus ancestrais.

Nesta pobre região do distrito de Torreões, entre Juiz de Fora e Lima Duarte, dentro das Minas Gerais, vive ainda hoje o velho Desidério, desde o início do século exemplo de um tipo de brasileiro característico de uma dura realidade.

Analfabeto, como todos da sua família o eram. Os filhos de colonos nem sonhavam com estudo. Mesmo os outros, muito poucos, só excepcionalmente, eram mandados para longe com o fim de estudar.

Desidério, ainda criança, começou a rotina do trabalho, que haveria de tornar o cotidiano de toda sua vida. Como colono-lavrador, viu logo na palma de suas mãos as marcas de seu destino nos grossos calos dos cabos de enxada e da foice, ou do rabo do arado, seus inseparáveis instrumentos de trabalho.

Extremamente trabalhador, criado com os rigores dos costumes do lugar, descendente de família digna, destacou-se sempre pela honestidade e pela incomparável capacidade de trabalhar e produzir.

Desidério nunca calçou um sapato, jamais tratou de dente, nem procurou médico. Não usa instalações sanitárias. Faz tudo no mato mesmo. Não conhece a luz elétrica. A iluminação é feita por lamparinas de querosene. Suas roupas são esfarrapadas - são tantos os remendos que fica difícil saber qual é o pano original. As tonalidades são múltiplas, embora, quase sempre, da mesma cor. É um amontoado de retalhos a cobrir-lhe a pele temperada pela natureza. Só tira o chapéu velho, rasgado e ensebado, para entrar em casa e na hora das refeições.

A claridade do novo dia nunca o surpreendeu na cama. Sempre acorda antes da natureza. Quando o dia amanhece, ele já está de pé.

Desidério representa bem o trabalhador rural brasileiro. Sua vida prova que trabalhar não mata ninguém. Há mais de meio século cumpre tarefas diárias inacreditáveis.

Seu dia de trabalho começa muito antes do amanhecer, por volta das três horas da madrugada. Com exceção das sextas-feiras, quando se levanta uma hora antes.

Logo que se levanta, vai à bica, que fica a uns cem metros da casa, lava o rosto, pega a batata doce assada que, na noite anterior, foi colocada sob as brasas do fogão e, enquanto faz essa razão matinal, depois de um gole de café, caminha pelos pastos orvalhados, no frio ou na chuva, para juntar as vacas do fazendeiro em cuja terra mora.

Trazido ao curral o gado - que não é muito -, faz a ordenha. O fazendeiro é mais um sitiante. A propriedade é pequena e não há grande diferença na luta pela vida entre Desidério e seu senhorio. Aliás, não é propriamente um senhorio, é mais um amigo, seu compadre, que lhe

permitiu construir uma casa em suas terras, diante do compromisso verbal de Desidério de ajudá-lo em alguns serviços como o de tirar o leite das vacas. Na verdade, Desidério, que havia se casado, construiu uma casa pouco melhor que aquela onde havia nascido, recebeu alguns hectares de terra em volta da moradia para as plantações de subsistência, um litro de leite diário e pasto para um animal.

Terminada a ordenha e coalhado aquele pouco de leite para a feitura dos queijos, soltas as vacas – as de bezerros novos, em companhia dos filhos, e as de bezerros maiores separadas destes – já começava a clarear o dia. Aí, Desidério vai para sua jornada diária que, conforme a época do ano, é o plantio, a capina ou a colheita do milho, do arroz, do feijão, ou, então, a roçada do pasto. Isto ele fazia para si próprio, para seu senhorio - por um preço especial - , ou para outros fazendeiros da região.

Neste trabalho pesado, vai não apenas de sol a sol, mas de luz a luz; de quando clareia até anoitecer. Nenhum outro consegue acompanhar Desidério no seu ritmo de trabalho. O dia todo, sob o sol ardente, debaixo de chuva ou no frio que corta, Desidério está com seus remendos molhados de suor. Os intervalos para as refeições são pequenos. Estas são feitas no próprio local de trabalho, levadas por algum garoto, em marmitas, latas ou cuias. São compostas de arroz integral – colhido ali mesmo e socado no pilão -, feijão, angu, batata doce, mandioca, couve ou almeirão, café, leite e, às vezes, um pedaço de carne de sol. No dia em que mata porco, tem um bife. Bebe muita água, principalmente na época do calor. Esta é pura e cristalina em qualquer dos vários córregos e nascentes da região. A poluição não chegou ainda no sertão do rio do Peixe. A água lhe é levada no coité ou, de vez em quando, Desidério dá um pulinho no córrego mais próximo.

Ao anoitecer, não pensem que ele encerrou suas atividades. Aí Desidério sai pela redondeza, caminha à pé uma, duas léguas, visita todos os moradores e, com cara de quem não quer nada, compra frangos, queijos, ovos e outros pequenos produtos, voltando para casa carregado dessas mercadorias, por volta de vinte e duas ou vinte e três horas.

Isto tudo ele faz todos os dias da semana. No domingo, ele não trabalha para os outros, mas executa a mesma atividade, cuidando de suas próprias plantações.

A exceção é sexta-feira. Este é um dia diferente para Desidério. Neste dia, todas as semanas, ele não é trabalhador rural. Vira mascate. Levanta-se uma hora antes dos outros dias, às duas da madrugada, coloca a cangalha no seu cavalo e o carrega com as compras da semana. O que sobra, ele mesmo leva em embornais. E já vai para a cidade, a sete léguas de distância, à pé e tocando o cargueiro. As estradas são péssimas, verdadeiros trilhos mal traçados por entre morros e invernadas.

Por volta das onze horas, chega à cidade, entrega as mercadorias aos fregueses de costume, compra as encomendas de seus fornecedores e põe-se de volta. Em torno de meia-noite está chegando em casa. Neste dia ganhou algum dinheiro. Apesar das despesas com a

família que cresce anualmente, o exagero do seu esforço sempre lhe permite guardar alguma coisa para a realização de seu grande sonho.

Desidério é um homem destemido, desabusado, tão dedicado às coisas que faz, trata com tanto amor tudo o que há em seu redor, seja animal ou vegetal, que parece transmitir uma aura de vida a tudo que toca. Uns dizem que ele tem parte com o capeta, outros que é especialmente abençoado por Deus. Na realidade, tudo para ele é difícil e ele vence todas as dificuldades. Uma coisa é certa: não conhece ódio no seu coração. Está sempre alegre e ama tudo e todos. Não tem inimigos, embora seja fácil perceber ao conversar com ele, que sua amizade e confiança são mais profundas com alguns de seus vizinhos.

A lavoura que ele cultivava cresce viçosa e produz melhor colheita. Nos dias em que faz a ordenha, a produção do leite é maior. E, no curral em que é retireiro, os bezerros são mais saudáveis. Ninguém acostuma uma vaca, que perdeu bezerro recém-nascido, com tanta facilidade e tão depressa como Desidério. Os bois de carro com os quais ele trabalha, são gordos e belos. No carro ou no arado são mais fortes.

E o carro! O carro é bem cuidado e canta diferente, transportando pessoas e mercadorias nas pequenas distâncias da redondeza. É, além do lombo do cavalo, o único meio de transporte da região. Aliás, o carro de boi, não se sabe se canta ou se chora. Marca o sertão como meio rudimentar de transporte, avisando ao longe com um gemido apertado, produzido pela fricção das madeiras do eixo e do cocão bem untadas com sebo de boi ou óleo de mamona. Puxado por três, quatro ou cinco juntas de bois, tendo à frente o candieiro, moleque descalço e esfarrapado, vai lento e sobranceiro marcando uma época de muitas lutas e poucas glórias. Em pé, na parte da frente do carro, Desidério comanda aquela espécie de comboio. As pequenas distâncias percorridas não são tão pequenas assim, de duas a três léguas, em estradas muito ruins. Chega com seu carro até onde nem Deus acredita. É um homem de muita fé, confia em tudo e não tem medo de nada. O que transcende sua força física e sua disposição de trabalho, se está do seu lado, ele acredita e agradece; se está contra, ele não dá crédito e procura vencer. É o tipo do temperamento otimista. Só crê no bem. O difícil ele supera e o impossível não existe no seu vocabulário. Não há mal que o atormente.

Este lavrador do sertão do rio do Peixe nunca se havia deitado numa cama por motivo de qualquer doença. Já atingira os quarenta anos de idade. Nesta altura, certa manhã, quando construía uma cerca, pelo meio de um brejo muito sujo, foi picado de cobra. O matagal se elevava acima de sua altura e a cobra era uma enorme jararacuçu muito venenoso. A picada foi bem no peito do pé direito, região com grande quantidade de veias. O risco de vida era iminente. A essa época, na região, era muito comum a morte de pessoas vítimas de mordida de cobra, principalmente da jararacuçu.

Era hábito de Desidério pegar cobras com as mãos nuas, sem qualquer instrumento. Muitas, ele levava vivas para a cidade e as oferecia ao Instituto Pasteur. Mesmo picado, era importante pegar aquela cobra. Consegue segurar a víbora no meio do mato, mata-a e

a dependura de cabeça para baixo no moirão da cerca. A peçonhenta é tão grande que, com o rabo preso na ponta do moirão por uma pedra, sua cabeça quase chega ao chão. Há na região a crença de que, quando o ofendido mata a cobra e a dependura de cabeça para baixo, esse não morre daquela mordida. Assim foi feito, e agora?...

Desidério, já sentindo os primeiros efeitos do veneno, foi para sua casa. Estava perto de onde morava. Os vizinhos mais próximos foram logo avisados. Alguns começam a chegar. Grande intranqüilidade.

As primeiras providências de socorro são imediatamente tomadas. Um garoto de dez anos de idade, ajudante de Desidério, sendo seu candieiro, foi buscar as pontas de chifres de veado na casa do sr. Chico Moreira, a uma légua de distância. A cavalo, foi a todo galope, o garoto que, mais tarde, conseguiu estudar e, graças à obstinação de sua mãe, formou-se em advocacia e dedicou-se à vida pública, alcançando certo destaque. Corre tanto que quase mata o animal. Pouco tempo depois volta com as pontas dos chifres, que são logo colocados nos ferimentos da picada para puxar o veneno. O chifre de veado funciona como imã para o veneno e só adere à picada para sugá-lo. Se não há veneno no local, o chifre não agarra.

Enquanto isso, Desidério piora gravemente. A dor é insuportável. O lugar da picada queima como se estivesse sob brasas bem acesas. Veio logo a febre muita alta e, pouco tempo depois, sai sangue por todos os seus poros. A situação de Desidério é desesperadora.

Enquanto o garoto vai atrás dos chifres, outra pessoa já havia buscado a benzedeira, mulher do João Grilo, que mora mais perto. Ela chega com a calma do místico, já trazendo os galhos de arruda. Pede uma caneca d'água e passa a fazer suas orações, em linguagem atropelada e voz baixa, que ninguém entende. Reza e leva os galhos de arruda à água da caneca e com eles banha o local da picada.

Mas, com tudo isso, Desidério piora assustadoramente. A tarde passou e veio a noite. Essa noite seria um suplício. O trabalhador, muito estimado, agoniza, e seus vizinhos transtornados sem nada poder fazer, a não ser rezar.

Ainda durante o dia, a mulher do proprietário das terras onde Desidério mora, mulher inigualável, de muita iniciativa, exemplo de persistência e coragem, comadre do lavrador e sua grande amiga, toma por si a decisão de mandar buscar um médico na cidade, mesmo sendo muito difícil, quase impossível, a chegada do doutor em lugar tão deserto, sem estradas e sem recursos. E, se caso conseguisse chegar, era pouco provável fazê-lo a tempo do socorro necessário. Mas essa mulher também não conhece o impossível. Lá foi o emissário à cidade para tal fim.

Tudo precisa ser feito com a maior urgência, senão de nada adiantará tanto esforço.

A maneira mais rápida de ir à cidade, a sete léguas de distância, é a cavalo até o lugar denominado Conceição, um pouco mais da metade do caminho, depois completar o percurso de ônibus ou caminhão.

Durante a noite, Desidério agoniza. A febre é tão alta que a cama fica completamente molhada em poucos minutos. O homem geme e varia, pronunciando confusamente palavras desconexas; mas ninguém sabe como sua saúde de ferro resiste ao veneno. Consegue suportar a noite, mas, na manhã seguinte, a situação não alterara e o homem está às portas da morte.

Desde a tarde anterior, as pontas de chifres de veado haviam desgrudado da picada, sugado todo o veneno que ainda não entrara na circulação. Em seguida, foram colocadas dentro de um copo com leite para liberarem o veneno que absorvera. Pouco mais tarde o veneno se destacava na superfície do leite, com a forma e na cor de óleo amarelado, em grande quantidade.

Já havia passado vinte e quatro horas e Desidério não apresentava qualquer melhora. Sua situação continuava desesperadora. Ele resiste ao efeito do veneno, mas a febre é tão alta que, em muitos momentos, perde a consciência.

Essa situação de agonia e intranquilidade perdura por três dias, quando, então, na manhã do quarto dia, chega o médico, Dr. Japyassu, após viajar de carro, a cavalo e a pé durante dia e noite. Contudo, apesar do grande esforço, a essa altura nada mais há a fazer. O médico não pode atuar com eficácia. O soro antiofídico trazido pelo doutor não produz mais efeito decisivo. Tudo já está resolvido. É muito tarde para qualquer tratamento científico no caso da picada de cobra venenosa.

Naquela noite, pela madrugada, na hora em que Desidério costumava levantar-se para o trabalho, caíra uma chuva mansa e serena, que irrigara as plantações, os campos e as matas. Há muito tempo não chovia. A natureza estava em festa. O meio ambiente no qual vive Desidério e ao qual ele dedica tanto amor e tanto carinho, no árduo trabalho cotidiano, parece comemorar sua vitória sobre a víbora venenosa. É que ele havia melhorado pela madrugada. Estava superado o período de perigo de vida. A alegria era geral. Desidério se recupera por suas próprias forças. O médico apenas constata essa feliz realidade. Nada tendo a fazer, declara que todo o perigo havia passado.

Dentro de poucos dias, Desidério volta à atividade normal e continua na mesma vida de santa e boa luta; inclusive pegando cobras vivas com as mãos.

Alguns anos mais tarde, Desidério alcança o grande sonho de sua vida. Ele adquiriu um pequeno sítio e mora na sua propriedade. Uma pequena propriedade rural, nas piores terras da região, mas que é sua e de mais ninguém.

Ele, que nascera e sempre vivera nas terras dos outros, agora tem o seu cantinho, conquistado com muito sacrifício na acumulação demorada de pequenas economias, depois de vários anos de trabalho árduo, permanente e ininterrupto.

E, aí, acontece um milagre. A terra que nada produzia, nas mãos de Desidério torna-se fértil e passa a dar tudo. Transforma-se num pomar ajardinado, com plantações de várias espécies e as mais belas flores. O árido virou oásis.

Mas Desidério continua trabalhando para os outros. Sua pequena propriedade não dá para absorver toda sua capacidade de produzir, muito menos agora que já tem filhos crescidos para ajudá-lo. Contudo, parece feliz. É alegre e não manifesta qualquer sinal de contrariedade, embora existam desentendimentos passageiros entre ele e sua mulher. Cota não é de brincadeira. Também muito trabalhadora e ambiciosa, reclama muito de Desidério, principalmente por causa de sua mania de economia e porque nunca pára em casa. Ma, nada de sério. Apenas brigas comuns de marido e mulher. Nunca deixam vestígio para a manhã seguinte.

Os filhos, tantos quantos têm as típicas famílias da região, em número de dez, crescem no trabalho com o pai, sem estudo e sem qualquer conforto. Recebem apenas o essencial à vida no seu sentido vegetativo, tanto os homens como as mulheres. Mas a vida segue seu curso, sem maiores traumas.

Nesta altura, quando tudo parece caminhar normalmente, eis que Desidério surpreende todo mundo, ao dar a prova mais contundente de que sua alma vive angustiada, seu espírito em conflito e que, dentro dele, fervem as contradições que ele não manifesta. Então veio a explosão. Certa manhã, afasta-se de casa, caminha para um capão numa colina próxima. Parece que vai buscar lenha. O tempo passa e ele não regressa. Chega a hora do almoço e nada de Desidério. Já começa a tarde e o homem não aparece.

Cota, sua esposa, discutiu com ele, pela madrugada. Ao se levantar está meio chateada com o que acontece de vez em quando, mas começa a ficar preocupada. Como o marido não aparece e não é seu costume tal comportamento, reúne alguns filhos menores e passam a procurá-lo. Um dos meninos viu quando o pai se dirigia para o pequeno mato da colina. Para lá caminham e, alguns minutos depois, chegam ao destino. Começam a procura e, sem muita demora, deparam com o quadro dantesco e desesperador. Desidério, deitado dentro de uma vala, no meio do mato, agonizante. Havia ingerido uma lata de soda cáustica, tentando contra sua própria vida. Há pouco tempo, seu vizinho e amigo Zé Malaquias se suicidara com o mesmo veneno.

Cota e os filhos, em desespero e aos gritos de socorro, carregam Desidério para casa. Enquanto os vizinhos não chegam, derramam leite pela garganta abaixo do moribundo. Pouco tempo depois, coisa de uma hora, chegam os primeiros amigos. Dentre eles, Joaquinho, pequeno fazendeiro, que mora bem perto. No seu jipe leva o semi morto para a cidade, sem interromper a aplicação do leite.

O único sinal de vida de Desidério são os vômitos. Quanto mais vomita, mais leite derramam pela sua garganta abaixo.

A toda velocidade, conseguem chegar à cidade em uma hora de viagem. Desidério é internado em estado grave. A agonia continua. Os médicos não entendem como este homem resiste. Até agora, o leite foi fundamental. Fizeram-lhe uma lavagem profunda. Medicam-no. Que bom, o socorro pode ser mais rápido. Até há poucos anos não havia um só veículo automotor na redondeza. Agora existem vários. Aquele garoto, candeeiro e ajudante de

Desidério anos atrás, tornara-se o vereador mais votado do Município e conseguira com o Prefeito a construção de algumas escolas, estradas e pontes naquela região.

Desidério não pudera votar no seu ex-jovem companheiro. A lei dizia que o analfabeto estava proibido de votar. Todavia, o que mais importava naquele momento era evitar que fosse consumada a intenção do suicida. A soda cáustica fizera verdadeiro estrago nas entranhas do pobre homem. Ele continuava em estado grave, merecendo cuidados muito especiais. Mas, surpreendentemente resistia. Ia vencendo a crise. Poucos dias depois, estava fora de perigo. A recuperação foi bastante lenta. Ficou muito debilitado. Mas em certo tempo conseguiu restabelecer-se.

Pela segunda vez, Desidério vencera a morte em circunstâncias adversas. E, dessa vez, acontecera um fato importante: o corrosivo não matou o homem, mas parece ter destruído tudo o que podia prejudicar sua saúde. Para este homem admirável que só faz o bem, o veneno virou remédio.

Ao reiniciar suas atividades normais, era um adolescente com mais de cinquenta anos. Nunca disse porque tomara aquela atitude tão extrema. Só afirma que ele próprio não entende sua loucura.

Dizem que a rotina pode ser causa do suicídio. Não teria sido a dramática rotina de só trabalhar, sem qualquer perspectiva e sem as ilusões da vida racional, a causa do desespero silencioso e brutal de Desidério?

Ele não sabe e não quer responder.

Fora da mordida de cobra e da tentativa de suicídio, jamais esteve doente. Sempre teve uma saúde de ferro. E, por incrível que pareça, revigorada depois da soda cáustica.

Sexagenário, alegre e com muita vitalidade, este tipo diferente, igualzinho a milhares de camponeses espalhados pelo interior deste grande País, continua executando as mesmas tarefas de meio século atrás.

Os filhos estão, quase todos, casados e seguem a mesma sorte do pai.

Desidério nasceu e vive no trabalho. Não bebe, não fuma, não rouba, não assalta, nunca fez mal a ninguém. É a expressão da bondade e da honradez.

Não é participante da sociedade de consumo. Não goza os frutos do progresso da civilização industrial. Vive à margem. Este é o verdadeiro "marginal". Ou, marginais somos nós?...

*** Este conto foi publicado em 1981 no livro "Horas Vagas", coletânea de textos de parlamentares federais editada pelo Comitê de Imprensa do Senado ,com seleção e**

organização de Manoel Vilela de Magalhães e João Emílio Falcão. O livro foi impresso no Centro Gráfico do Senado Federal, em Brasília.

Galo Garnisé

Havíamos mudado recentemente para o apartamento novo. O prédio pequeno de seis apartamentos, um por andar - o nosso ficava no segundo - acabara de ser construído.

Poucos dias de moradia, minha mulher chamou-me a atenção para o fato de em todas as madrugadas, exatamente às quatro horas, o garnisé do vizinho cantar bem ao lado de nosso quarto. A parede lateral do quarto dava para o quintal da mansão do vizinho. Em virtude de um desnível do terreno, o quintal ficava pouco abaixo do piso do nosso quarto.

Passamos a observar com maior atenção a regularidade do galo no seu despertar na madrugada. Não falhava, sempre às quatro em ponto.

Minha mulher ficou encucada com aquilo. Foi conferir e verificou que o vizinho não tinha galo. Cheguei em casa no final da tarde e veio ela relatar-me sua surpreendente constatação.

Para tranquilizá-la, e não querendo levar aquele assunto frívolo à diante, disse: “deve ser aquele papagaio do nosso vizinho que aprendeu a imitar galo garnisé”.

Ela replicou: “mas que papagaio incrível, imitar galo de madrugada e com absoluto rigor no horário!”...- e encerrou o assunto.

Passados poucos dias, minha mulher, cada dia mais grilada com o fato, revela-me um dado que complicava a situação: o galo cantava, também, com o mesmo rigor, às quatro da tarde.

Pensei comigo, que raio de papagaio que imita galo duas vezes por dia, sempre às quatro. Não falei nada.

Minha mulher, realmente inquieta com aquilo, no dia seguinte, depois de outras observações, revela-me o absurdo: o papagaio do vizinho não imita galo nenhum.

- “E eu estou ficando louca ou o galo canta dentro da parede de nosso quarto”.

Na hora que ele começou a cantar, fui lá e coloquei o ouvido na parede e percebi que o galo cantava ali quase dentro do meu ouvido. Comecei, também, a enlouquecer-me com a história. Combinei que colocaríamos o despertador para um pouco antes das quatro e que iríamos juntos ouvir o galo cantando nos nossos ouvidos. Foi o que fizemos. E o galo cantou.

Comunicamos o fenômeno a um vizinho médico. Fomos todos para o apartamento às quatro da tarde. O galo começou a cantar e até o estetoscópio foi usado para se ouvir melhor. Fomos do outro lado da parede, colocamos o aparelho multiplicador do som. E o galo cantou.

Todos perplexos, eu, que não acredito em assombração, descobri o ovo que seria de Colombo, não fosse do galo: o pedreiro esqueceu-me aí dentro da parede um relógio despertador desses que imitam o garnisé cantando. Só pode ser isto, todos concordaram.

- Vamos chamar o pedreiro para arrebentar a parede, não tem outra saída.

Marcamos para dois dias depois a operação mata-galo. No dia anterior ao que desvendariamos o enigma, minha mulher recebe um telefonema de sua irmã da capital:

- Você nunca me disse nada, já faz meses... A Maria passou aí para apanhar a encomenda que deixei?

- Que encomenda? – replicou minha esposa.

- Aquele pequeno embrulho que te entreguei quando estive aí, para ser entregue a uma senhora, chamada Maria Equitéria, que o procuraria com você.

Nesta hora, minha mulher lembrou-se de tal encomenda. Pediu à mana que esperasse um pouco para conferir. Deixou o telefone, encaminhou-se ao quarto e retirou o embrulho do fundo da gaveta da cômoda, que ficava junto à parede, onde acontecia o mistério. Estupefata, ouviu o garnisé cantando em suas mãos. Por incrível coincidência, o telefonema foi exatamente às quatro horas. A hora em que o galo cantava várias vezes.

Voltou ao telefone, estava trêmula e não se continha. Ria da história e disse à sua irmã: “Encontrei a encomenda, depois conversei com você, não dá para continuar agora. Aconteceu um caso muito engraçado!...

- Como pude esquecer-me disso? – murmurou para si mesma. Mas, também, logo nos dias da mudança, com toda aquela confusão!...

Não agüentou esperar mais nada. Desembrulhou a encomenda esquecida. Lá estavam dois relógios despertadores, com a imitação de galo garnisé, ambos despertando às quatro, um pela madrugada, outro à tarde.

Buscou-se descobrir o endereço da destinatária da encantada encomenda que, também, havia esquecido de procurá-la.

RETRATO

Estou do outro lado do mundo. Atravesso a Praça da Paz Celestial. São 20 horas. Acabei de sair de minha hospedaria, antiga embaixada da Birmânia. Pequim me cheira a curral de fazenda antiga. Aquele odor ardido do azedo da urina repetida no estrume do gado. Se o cheiro de civilização milenar é logo sentido, a iluminação é fraca. Na praça, ainda é razoável. Nas ruas que lhe dão acesso, é sofrível.

Acabo de atravessar a famosa praça, quebro à direita e caminho numa rua bastante comprida, em linha reta, uns 300 a 400 metros. Lá no fim entraremos à esquerda e numa distância de mais 300 metros iremos participar de uma recepção em um clube.

Éramos quinze pessoas. Eu seguia bem atrás dos companheiros. Atrasei-me um pouco para sair. O calor era sufocante e demorei-me muito no banho.

Mal entro na rua de iluminação precária, absolutamente vazia, silenciosa e deserta, minha vista alcança, naquela penumbra, uma pessoa no passeio do lado oposto, caminhando em sentido contrário ao meu destino. Como éramos as duas únicas pessoas naquele espaço, na medida que nos aproximávamos um do outro, também não deixávamos escapar da visão mútua.

Quando estávamos a uns 60, 70 metros de distância, percebi que aquela pessoa que estava vindo do outro lado da rua era uma mulher que usava saias compridas, até próxima do tornozelo. O que fará esta mulher sozinha nesta rua, a esta hora? – pensei. Para mim, era muito estranho, primeiro o deserto da rua, depois, uma mulher isolada, num lugar em que as mulheres não saem à rua sozinhas à noite.

Olhos fixos, continuávamos caminhando, um em direção ao outro, só que em passeios opostos. Mais alguns passos e verifiquei que a mulher não era nativa, tinha fisionomia ocidental.

Outros passos mais, estávamos a uns trinta metros um do outro. Dei uma paradinha, meus olhos se aguçaram. Ela também diminuiu os passos. Minhas pernas falsearam, ficaram trêmulas. Pisando nas nuvens, demos mais quatro, cinco passos, muito lentos. Já estávamos quase frente à frente, separados apenas pela largura da rua. Nesta altura, começamos a atravessar a rua um na direção do outro. Uns quatro metros nos separavam no meio daquela rua de Pequim, totalmente deserta.

O coração saindo pela boca junto com a voz, exclamei:

- Marina!...

Ela, compulsiva, respondeu:

- Ricardo!...

Mais dois passos, abraçamo-nos trêmulos, emoção máxima. Coloquei a cabeça no seu ombro esquerdo. Ela no meu mesmo ombro. Soluçávamos. Ali ficamos alguns longos minutos, demorados minutos, eternos minutos. Enquanto eu sussurrava com palavras sem som, ao ouvido de Marina:

- Meu Deus!...Meu Deus!...

Ela repetia da mesma forma:

- Não é possível!... Não é possível!...

Quando terminamos o primeiro abraço de nossas vidas, eu segurava com mãos frias seus braços sobre sua blusa, fitei com firmeza e ternura seu rosto, nossos olhos brilhavam com lágrimas profundas! Ela ainda me entreolhava com certo acanhamento. Não conseguia, de imediato, fixar seu olhar nos meus olhos. Ficou algum tempo de cabeça baixa.

- Marina, Marina... O que fazes aqui, neste fim do mundo? Tão longe de nossa terra!
- Ricardo, não consigo acreditar! O que o trouxe aqui? Mais de quarenta anos não nos vemos... Nunca esqueci de ti...
- Eu também, Marina. Você, durante todos esses anos, sempre povoou com profunda intensidade meus mais puros sentimentos. E você continua linda... Lamento não ter podido lhe dizer isto, quando nos conhecemos há tantos anos...

Beijeí, discretamente, a frente de Marina, com um desejo louco de beijar-lhe a boca. Mas, mesmo tantos anos depois, ainda conservava a timidez. Vontade toda do mundo, coragem da iniciativa, nenhuma da terra...

- Diga-me, Marina, como veio parar aqui? Tantos anos... Éramos adolescentes... Eu com os meus dezoito, dezenove anos. Você, com seus quatorze, quinze anos... Te amei profundamente, sem nunca dizer-lhe uma palavra. Sem aproximar-me de você jamais, como aqui, agora. Só nos comunicávamos pelos olhos. Eram olhares furtivos, tímidos, nascidos da alma, repletos de desejos, cheios de sonhos...
- Isto era tudo o que eu sempre senti por você, Ricardo! Você era muito acanhado, não chegava por mais que eu desse bola!

Nos abraçamos forte outra vez, voltaram as lágrimas.

- Marina... vamos ver se você se lembra. Aquele baile na escolinha do bairro, lá no Botânica. O Murilo, meu companheiro e amigo, bom dançarino, pé de valsa, tirou-lhe para dançar. Eu ficava na vontade louca. Enquanto corria a dança, eu à margem da pista, cruzávamos olhares candentes, um ar de sorriso, escondidas piscadas d'olhos...
- Lembro-me como se fosse hoje, Ricardo. Aquele foi o dia em que estivemos mais próximos. Foi um dia de amor pungente...

Nesta altura, já passados alguns bons minutos, percebemos dobrar a esquina, lá no fundo da rua, duas pessoas. Marina se perturbou, ficou intranquã. Sugeriu que nos retirássemos dali. Logo percebi que eram dois dos meus companheiros que, preocupados com minha demora, vieram ao meu encontro. Foram se aproximando. Constataram que se tratava de uma brasileira, perceberam nosso transtorno. Disse-lhes:

- Amigos, voltem ao nosso compromisso. Eu não irei. Depois lhes explico.

Meia volta e lá se foram.

- Mas é incrível, Marina, os anos não contaram para você! Como está bem, continua linda! Vejo, com profunda emoção você, com seus quinze anos, na minha frente. Apesar de tudo, da minha covarde timidez, sinto saudades daqueles olhares carregados de extasiantes sentimentos. Que loucura!... Por que não lhe prendi para sempre? Fui um covarde...
- Não diga isso, Ricardo. Eu queria ser sua, só sua, a vida inteira! Mas o destino não quis. Tantos anos sem ter notícias um do outro... Destino tão separados, sem um dia sequer de esquecimento... É até engraçado! O que será que nos trouxe aqui, hoje, neste local? O que será, meu Deus!

Os minutos passavam. Convidei Marina para que caminhássemos até a Praça da Paz Celestial, logo ali. Não conseguíamos caminhar direito. Cada passo, uma parada, um abraço, uma saudade. Insisti:

- Marina, por que está aqui?
- Ricardo, logo nos mudamos para Brasília; meus pais me levaram para a capital. Eu não tinha escolha. Eu não tive como avisar-lhe. Foi meio de repente. Nossa comunicação nunca foi por qualquer palavra... Quando percebi, já estava em Brasília. Muitas vezes chorei sozinha, com vontade de lhe ver...
- Pois é, Marina, quase fiquei louco quando você sumiu. Só soube que sua família teria mudado para Brasília. Naquele tempo, Brasília para mim ficava mais distante que Pequim, hoje.
- Com três anos de Brasília, casei-me com um militar, capitão do Exército. Pouco tempo de casada, ele aceitou uma missão no Japão e, em seguida, aqui na China. Já aqui ganhei meu filho, o Oton. Quando meu filho tinha oito anos, meu marido veio a falecer. Só voltaria ao Brasil se tivesse certeza de que lhe encontraria. Coisa improvável. Meus pais já haviam falecido. Não tenho parentes conhecidos. Meu filho crescia. Agora, ele está com 23 anos, casou-se com uma nativa e tem um filhinho.
- Como se chamava seu marido?
- Marciano. Era uma pessoa muito correta. Vivemos bem. Nunca lhe falei nada de você, Ricardo. Mas amor, mesmo, você sabe, só se tem um na vida...
- Lágrimas surgiram e tornamos a nos abraçar.

Já estávamos na Praça da Paz Celestial, bem próximos de minha hospedaria. Sentamos em um banco da praça, se via quase ninguém. Na China, mais tarde um pouco, as pessoas se recolhem em suas precárias moradias.

- E você, Ricardo, não disse ainda, o que está fazendo aqui?
- Sim, Marina. Vim com um grupo de parlamentares brasileiros para uma visita à China. Chegamos aqui em Pequim antes de ontem e partiremos depois de amanhã. Vamos conhecer mais seis cidades neste País. Marina, Marina!... Como podes viver tantos anos aqui, meu am.... Você me desculpe, mas vou dizer: meu amor...

Ela abraçou-me e repetiu:

- Meu amor, meu único amor...

Foi o mais emocionante abraço de nossas vidas. Tudo podia começar ou acabar naquele instante. Que força transcendental do sentimento!

- E sua vida, Ricardo? Nada me disse dela. Casou-se, teve filhos?
- Sim, Marina, casei-me. Minha esposa se chama Olga. Convivemos aos trancos e barrancos, mas há respeito entre nós. Trata-se de pessoa responsável, bondosa. Mãe carinhosa. Tenho cinco filhos. Três casados e os netos já são cinco. Adivinhe o nome de minha filha, a primogênita?

Marina ensaiou um sorriso acanhado e eu completei:

- É isso mesmo... chama-se Marina.

Voltamos a nos enrubescer.

Nos três dias seguintes em que permaneci em Pequim, abandonei os compromissos do grupo, pedi desculpas e justifiquei minha ausência, porque havia uma razão que "a própria razão desconhecia"... Fiquei com Marina, conversamos muito, fui a sua casa muito simples, ali bem perto da hospedaria onde me encontrava. Conheci seu filho e seu neto. Verdadeiros chineses. Só na fisionomia eram ocidentais.

Na noite que antecedeu à minha partida – sairíamos no dia seguinte, bem cedo, às cinco e trinta – foi muito difícil despedir-me de Marina. No último instante, pouco antes de nos afastarmos, Marina entregou-me um envelope pardo bem fechado. Nada havia escrito. Disse-me:

- Leve-o com você, Ricardo, e só o abra depois que partir.

Não discuti. Agradei e o coloquei no bolso. Garanti a Marina que não morreríamos antes de tornarmos a nos ver. Agora, com endereços conhecidos, iríamos trocar correspondências permanentes. Mais de quarenta anos depois, continuávamos mais ou menos os mesmos. Nestes dias todos, a maior intimidade foram os abraços emocionados.

Bem cedo, às cinco e dez do dia seguinte, quando subia as escadas para o avião, a saudade me fez voltar os olhos para o mirante do aeroporto e, que surpresa, lá estava Marina solitária, aos prantos, balançando um lenço branco de seda chinesa!

Na noite daquele mesmo dia, já na cidade de Nagoya, ao me recolher para dormir, abri o envelope. Era um retrato de Marina. Ela vestia uma blusinha riscada, gola alta, mangas compridas, abotoadas no pulso, com a qual muitas vezes a enamorei com olhos de amor apaixonado. No verso, estava escrito: "Ricardo, este é meu único retrato desde que nasci até o casamento. Êle é seu. Eu sou sua, meu amor!... Da próxima vez, perca a vergonha e me dê o beijo que sempre quis receber. Amor eterno. Marina ".

Vi meu pai no céu

Estou em Paris, a caminho de Genebra, onde vou participar da reunião do Conselho de Defesa da Pessoa Humana, da ONU/ Vivemos meados de 1977 e procuro no Conselho da ONU subsídios para a defesa dos direitos tão feridos e desrespeitados em nosso País.

Chego ao hotel bastante tarde. Naquela noite, havia ido assistir ao famoso só do Molinha Rogue. Muita alegria e encantamento. Tratava-se, realmente, de um espetáculo de técnica, eletrônica, música, arte e erotismo. Deito-me e não consigo dormir, apesar de muito cansado. Mal coloco a cabeça no travesseiro, vem-me ao pensamento a lembrança de meu pai. Começo a recordar algumas passagens da sua vida. Da nossa convivência. Das nossas vidas juntos.

Meu pai falecera há cinco meses, vítima de brutal atropelamento, quando gozava ótima saúde. O desalento aconteceu quando certa manhã, bem cedinho, como fazia todos os dias, foi à padaria e ao açougue buscar pão e carne para aquele dia. Ali mesmo na calçada, bem perto de casa, foi fatalmente colhido por um carro na contramão, dirigido por um menor de 18 anos, sem habilitação. Para assumir o terrível ônus da morte de mau pai, teria que ser um carro muito anormal. Nem documentação legal esse maldito carro tinha. A batida foi tão violenta que atirou meu pai pelos ares. Quando tocou o asfalto, fratura na base do crânio e morte instantânea. Houve tentativa de socorro, foi imediatamente levado a um hospital próximo. Alguns esforços médicos. Constatada morte cerebral. Meu pai "já era". A coisa mais triste e dramática. A única irremediável que me ocorreu até hoje.

O rapaz que dirigia o carro e responsável pela desgraça, desesperado, apresentou-se logo na companhia de dois irmãos, também traumatizados. Ofereciam préstimos. Queriam ajudar em alguma coisa. Mas, o que fazer? Temiam a atitude de nossa família diante da terrível imprudência.. Desconsolado, acabrunhado e abatido, conversei com meus irmãos, com minha mãe inconformada, e decidimos tranquilizar os pobres rapazes de que nada faríamos contra eles. O que queríamos, a única coisa que poderíamos exigir, eles não poderiam devolver: era nosso pai. O resto não nos interessava diante da dureza de nosso sofrimento. Nada poderia amenizar nossa dor. Só um pedido, um clamor patético: evitem de qualquer forma outra desgraça desta. A dor é muito grande para admitir reparos de qualquer espécie. Contemplem a nossa dor e sofram também um pouco. Agradecemos a solidariedade. Só isso.

Estou deitado e me lembro de papai. E começam a passar pela minha cabeça recordações de tempos difíceis. De muita luta, de privações, de dificuldades.

De repente, estamos na vendinha da boca da ponte do Areião, em Torreões, na minha infância. Minhas mais remotas lembranças levam-me às lutas e incertezas, à pobreza e às privações de meus pais no início da vida de casados. Aquela casinha pequenina e pobre, debaixo

daquela moita de bambú. Ali, naquele sertão, meu tinha tinha uma venda e vivia daquilo. A casa e o terreno eram cedidos pelo tio Zezé, dono daquelas terras.

Logo, rapidamente, a família começou a crescer. Eu, o primeiro e, depois, um por ano, até chegar a nove. Tudo era muito difícil. As mercadorias para a venda eram buscadas na cidade, a oito léguas de distância. Este percurso era feito metade a cavalo e metade de trem-de-ferro. A velha “Maria Fumaça”. Não havia qualquer recurso na região. Era só pobreza.

A certa altura, quando os filhos já eram cinco e eu atingia a segunda infância, meus pais não podiam continuar com aquele negócio. A vendinha não dava para manter a família. Aí, mudamos para o sítio. Meu pai possuía uma pequena área de terra ali bem perto, nas proximidades da barra do Pirapetinga. Estava arrendada a preço de banana por falta de recursos para sua exploração. A produtividade de uma pequena propriedade rural era muito baixa, mas agora precisavam enfrentar de qualquer maneira, porque não havia outra saída. Lembro-me bem: que trabalhadeira!... Tudo por fazer. Meu pai, coitado, deu um duro que não foi mole!

A casa de moradia, muito velha e estragada, precisava ser reformada. O telhado todo furado, as madeiras das portas, janelas e assoalho estavam podres. As cercas do curral e divisórias das roças não existiam. Os pastos, muito sujos. Tudo precisava ser feito e não havia recursos. Meu pai fez a limpeza de alguns pastos à mão, arrancando os matos sem qualquer ferramenta. Trabalhava-se muito, desesperadamente, produzia-se pouco e não se apurava quase nada.

Nesta altura, com grande dificuldade até para comer, nós, os mais velhos, começávamos a atingir a idade escolar. Não havia qualquer escola na região. Passamos da idade e só mais tarde pudemos estudar. Eu já ajudava meu pai nas suas duras tarefas. Pude partilhar de sua dramática luta.

Outros filhos atingiram a idade de estudar e para dar-lhes escola precisava mudar para a cidade. Mas como? Contudo, era preciso não permitir que a sorte das crianças fosse igual à sua. Resolveu enfrentar o impossível e mudar para a cidade com oito filhos menores. O nono chegaria pouco depois.

O que fazer para sustentar a família? O filho mais velho com quinze anos e o pai não tinha aptidão para qualquer trabalho urbano. Nasceu e sempre viveu na roça. Passou, então, a fazer a única coisa que sabia: montou uma lenharia. Naquela época, a maioria ainda cozinhava em fogão de lenha. O fogão a gás ou elétrico começava a aparecer.

Na lenharia, trabalhei com meu pai e comecei a estudar à noite. Mas, em pouco tempo, o fogão à lenha passou a ser substituído e o negócio não dava mais nem para comer. Então, veio a fase mais difícil. Meu pai, muito amoroso e agarrado à família, teve que trabalhar longe dela. Foi forçado pelas circunstâncias a passar mais de dez anos trabalhando em outro Estado, só indo em casa uma ou duas vezes por mês. O pai trabalhando e sofrendo longe para garantir o pão, e a mãe vivendo de privações e angústia com nove filhos pequenos. Lembro-me do meu pai, naquela luta desesperada. Como sofreu aquele homem nesse período!

Com essas lembranças, muitas recordações, a noite se foi, o dia começou a clarear e eu não consigo dormir. Dizem que os momentos de dor, de lutas, de contradições são os que marcam com maior intensidade nossas vidas. A história é escrita nos instantes de lutas e adversidades. Os períodos de paz e harmonia são páginas em branco no livro da história. É verdade.

Junto às recordações, muita saudade, profunda saudade, incontida saudade. Misturo-me entre lágrimas e soluços. Na absoluta solidão, só o travesseiro, já úmido, testemunha meu sofrimento nesta noite de Paris.

Mas não ficaria só aí. Outras e estranhas emoções estavam reservadas para mim naquela manhã. Logo cedo, eu ainda com as marcas da noite indormida na face, saímos para uma visita a Mont Martre. Íamos conhecer aquela grande atração turística, inclusive e principalmente, a famosa igreja ali existente.

Meu pai era devoto de Santa Terezinha. Carregou consigo, durante toda a vida, uma medalhinha de sua protetora. Esta medalha o acompanhou ao túmulo, colocada sob sua cabeça por minha mãe, em instante de grande angústia.

Caminhamos, subimos a ladeira de Mont Martre, chegamos à igreja. Entro pela porta da frente e me dirijo naturalmente pelo lado esquerdo, já no interior do templo, para as orações e os tradicionais três pedidos que sempre faço quando entro em uma igreja pela primeira vez. Eu não me esqueço, mas se o fizesse, minha esposa não deixaria, porque não falha a recomendação: "olha os três pedidos..."

Mal começo a entrar, logo deparo com o fantástico. Na minha frente, uma enorme imagem de Santa Terezinha, toda iluminada por milhares de velas. A imagem é a mais bela que já vi e a quantidade de velas acesas jamais me ocorreu. Parei, perplexo, diante da imagem. Imóvel, senti violenta emoção. Com os olhos fitos na face da Santa, percebo as lágrimas rolarem pela minha face. Tentando engolir a dor, não consigo conter os soluços. Na mais profunda e total abstração, vejo, na face de Santa Terezinha, a presença de meu pai, no céu, gozando a paz da eternidade.

E, aí, me veio um grande consolo, ao perguntar-me, a mim mesmo: aquele homem que diante das adversidades do mundo, no meio da miséria e do sofrimento, conseguiu ser um santo na terra, por que não haveria de ser um santo no céu?

Nesta altura, as lágrimas de tristeza misturavam-se às de alegria. Fiz minhas orações, encaminhei meus três pedidos que são sempre os mesmos – saúde, paz e amor para todos – e fiquei feliz porque **vi meu pai no céu.**

Rio do Peixe, meu Avozinho*

O Rio do Peixe é meu Nilo: pode não ser o maior, mas é o melhor rio do mundo. Nasce lá prá cima da Serra de Ibitipoca e vai desaguar no Paraibuna, na região de Cotegipe. Puro, virgem, nu, sem pecado, segue seu pequeno e anônimo curso até se perder na poluição urbana do Paraibuna.

Seu cortejo é admiravelmente selvagem, pureza igual à das orquídeas que florescem magníficas às suas margens. O Rio do Peixe sabe ser manso, amigo, solidário. Também sabe a hora de ser bravo, enérgico, turbulento, cobrar seu direito à intocabilidade.

Em curto curso, ele arrosta obstáculos com bravura, cresce sobre eles e os transpõe, desliza sobre escarpas, serpenteia ao contornar montanhas – as lindas montanhas dos torreões -, segue pelos vales, embrenha-se pelas florestas, com grande desenvoltura salta de despenhadeiros, calmamente percorre as planícies. Seu cortejo é imensuravelmente belo.

Os obstáculos naturais são todos ultrapassados com indomável teimosia; nada, na natureza, interrompe seu imponente caminhar.

Pois eu nasci e cresci às margens do Rio do Peixe, bem na metade de seu curso. Fui embalado pelo chuê, chuá de suas águas; me alimentei do peixe que lhe era roubado pelo pescador negro Malaquias; e o atravessei milhares de vezes na barca de tração manual, presa a cabos de aço afixados a esteios nas margens.

Na grande enchente dos meus dias de infância, suas águas invadiram minha casa sem pedir licença. Por alguns dias coabitamos o mesmo teto. Ele, despreocupado, sabendo que voltaria logo ao seu leito; eu, apreensivo, sem saber de suas reais intenções.

Para ir à escola, eu precisava atravessá-lo, depois de caminhar todos os dias dez quilômetros pela sua acidentada margem esquerda. Não foi fácil, mas foi bom. Essa convivência me fez aprender com o Rio do Peixe, me ensinou a viver com sua selvagem dignidade. Me fez respeitá-lo com admiração. Me obriga, agora, a defendê-lo com bravura.

A ambição dos caçadores de eldorados, dos eternos descobridores de esmeraldas, chega enfim ao Rio do Peixe e quer corrompê-lo, aviltá-lo. O Rio do Peixe não é rico em ouro. Sua fortaleza está na pureza virgem de suas águas.

Rio do Peixe, meu avozinho querido, conta comigo, estou do teu lado. Volto pra sua margem, como quando nasci e, com a bravura que com você aprendi, digo aos forasteiros que surgem para ferir-lhe: afastem-se, não toquem no meu rio. E, como Moisés apanhando das águas do Nilo e portador da mensagem de libertação do seu povo, lhes mostrarei, com vigor, a tábua das leis.

****Artigo escrito por Tarcísio Delgado em 1987, às vésperas de, como Prefeito de Juiz de Fora, sancionar a primeira lei de preservação do rio do Peixe, protegendo-o da exploração predatória de areia e de projetos poluentes às suas margens.***

INSTANTES PRESENTES

O passado foi bom na medida em que fazemos dele um bom presente.

O futuro só terá alguma importância quando se transformar em presente.

O presente, este sim, é tudo. Aquele que não qualifica o presente não tem passado e perde a única maneira de construir o futuro.

Por isso, eu sou. Porque o que fui, x foi e serei o que sou.

O minuto que passou não importa mais, o próximo minuto é incerto. Este instante é toda minha vida. A vida não é passado nem futuro. A vida é a soma de infinitos instantes presentes.

Questão de gosto

Sinto fascinação pelas flores e pelas crianças. Realizo-me, como em nenhuma outra ocasião, ao estar junto a elas. As flores, gosto delas, nos jardins ou em qualquer lugar, vivas, no pé, desabrochando. Colhidas, nas jarras ou corbeilles, passam-me o sentimento de ocaso, não gosto tanto.

Já as crianças, comovem-me mais na primeira infância, desde que começam a entender as coisas até aos oito anos. São magníficas, puras, espontâneas.

Envaideço-me ao perceber que o fascínio é recíproco. Quando contemplo a flor, ela fica vaidosa, mais bela que nunca. A criança sempre faz festa quando me vê. Qualquer criança.

Gosto muito, também, de ver os pirilampos marcando a escuridão da noite do interior, com seus pisca-pisca que só Deus poderia fazer. É divino! São minúsculos seres superiores da magia encantada da natureza.

Contudo, na imensa criação divina, na comovente multiplicidade da natureza, crianças e flores causam-me êxtase. Uma rosa desabrochando, com o botão se abrindo para o aparecimento das primeiras pétalas coloridas, é igualzinho ao sorriso de uma criança que corre ao seu encontro com os bracinhos abertos. É emocionante.

Ao deparar-me nessas ocasiões, felizmente tão repetidas, não consigo conter as emoções e, muitas vezes, chego às lágrimas, aliás, tão comuns em mim quando algo me toca fundo.

As placas de sinalização são colocadas estrategicamente à margem das estradas para serem vistas. As crianças e flores nascem porque são flores e crianças. Contudo, são procuradas para serem vistas, mesmo não estando à margem da estrada.

Há um encantamento todo especial na contemplação dos admiráveis fenômenos da natureza. São múltiplos, variáveis, infinitos. Até hoje não encontrei nada mais extraordinário e divino do que uma flor se abrindo e uma criança sorrindo. Nem mesmo o magnífico mistério dos pirilampos. Compõem o quadro do que é belo e eterno.

Já pensou o mundo sem criança e sem flores!... Seria inóspito, desértico, impossível. A humanidade seria de pedras brutas e insensíveis. Coisa mais estática e sem graça!...

Início

Chegou, fechou a porta.
Tudo era futuro.
Passado ficou lá fora
Certo dia, podre.
Estava cheio de luz
Era início, não fim.
Foi luta cerrada.
Casa bonita enfeitada.
Estou cheio do escuro.
Esta força existe
Ela é minha e tua,
É nossa, do mundo.
Existe, também, a fraqueza
Que faz romper a corrente.
Daí, o que vale a força,
Se a corrente rompeu
Pelo fraco que existe?
Chego no meio da rua
Grito no centro do mar
Minha alma está nua
Na hora de amar.
Esse grito ninguém escuta
A rua está deserta
A casa está fechada
A porta está aberta
A vida está parada.
Estou no centro do mar
Estou na porta da rua
A vida continua
Tudo é amor.

(outubro de 1994)

Para ser gente

Na minha visão universalista das coisas, não perco o sentimento patriótico pelo meu Brasil, não abandono a defesa do querido estado de Minas Gerais, sou bairrista por Juiz de Fora e guardo, bem no fundo, o amor por Torreões.

Parto da aldeia onde moram eternamente meus antepassados e que esconde, no íntimo de seu seio, o umbigo de todos nós.

Estou na encruzilhada do mundo, seja em Xangai ou em Hong Kong; em Nova Iorque ou em Paris; na Roma de nossas origens ou na tumba das dinastias chinesas. Esteja onde estiver, vejo todo o mundo, todas as realidades, todos os sonhos, misérias e fantasias, nos sertões onde nasci, no campo selvagem das invernadas, na pobreza lá da beira do rio do Peixe, nos cantões de Torreões.

Lá naquelas paragens interiores, na quietude das águas do remanso, no silêncio das invernadas vazias, nas caatingas pobres desses mundos inteiros, estão sempre revividas as realidades de toda parte. Não há, na terra, coisas muito deferentes. Tudo é mais ou menos igual. O homem inventou as metrópoles por ser gregário e necessitar estar perto de tudo. Com isso, ficou longe da felicidade que busca. Foi se juntando para facilitar a vida e dificultou o vier.

Hoje, as grandes metrópoles misturaram a vida, confundiram a convivência, inviabilizaram a tranquilidade. Fomentaram a disputa, sangraram as desigualdades, despertaram a ambição e a cobiça, degeneraram os costumes. Fizeram importantes os desimportantes. Acabaram com a privacidade, venceram o humano.

Quando quero ser gente, igual à gente de todo o mundo, volto-me para minha aldeia e, na simplicidade de seu regato, encontro a multiplicidade complexa do universo.

Vizinhança

Por que será que a aproximação física afasta tanto as pessoas? De maneira geral, as pessoas mais afastadas fisicamente são mais próximas sentimentalmente. Até a solidariedade é maior. Parece que a interdependência constante assusta as pessoas.

Na zona rural, vivendo a quilômetros e léguas umas das outras, as pessoas são mais vizinhas, solidárias, amigas. Faz-se o mutirão, convida-se para padrinho, celebra-se o batizado e o casamento, acompanha-se à sepultura. Há um forte sentimento de solidariedade. Serve-se e se é servido.

Na cidade, no aglomerado urbano, as pessoas já não se conhecem, mesmo separadas por apenas centímetros de paredes que dividem os apartamentos. Encontram-se cara a cara nos corredores, nos pequenos espaços de espera dos elevadores, colam-se os corpos no seu subir e descer. Contudo, mal se cumprimentam. Muitas vezes, nem isto. São estranhas, absolutamente estranhas. Até parecem seres de espécies diferentes. São mutuamente monstros de outras galáxias.

Há algo muito estranho. Longe, se aproximam. Perto, se afastam.

Rigor

Sou rigoroso comigo e condescendente no julgamento dos outros.

Exijo sempre mais de mim do que dos outros.

Faço tudo que possa para não criar constrangimentos. Prefiro pagar caro para não causar constrangimentos.

Jamais usarei de qualquer expediente que me seja vantajoso tendo consciência de que haverá prejuízo a outrem.

Em qualquer negócio, cuido de mim, mas cuido mais ainda de não dar prejuízo a ninguém.

Angústia

As luzes são fortes. Não vejo a claridade. As luzes se apagam. Abro meus olhos. Nada vejo. Com olhos fechados. Com olhos abertos. O que vejo não é real. Tudo depende do meu cérebro. As imagens são ficções. As formas, eu é que as crio. É redondo porque quero que o seja. Retangular, quadrado. Quem disse que isso existe fora da minha cabeça?

Estou louco. Penso que o que penso só existe em mim. Se ao invés de pensar o que agora estou pensando, estivesse pensando em outra coisa, o que estou pensando não existiria para mim. O que eu poderia estar pensando e não estou, o que seria? Não existe. Só existiria se eu pensasse.

A cabeça é o motor do mundo, e o mundo é uma criação da cabeça. Sem pensar não há coisa alguma. Tudo perece na falta do pensamento. Tudo está no começo. Tudo está no fim. O que é começo? O que é fim? Quem sabe? O fim sempre é começo de alguma coisa.

Minha Orquídea

Não toque na minha orquídea. Ela nasceu neste tronco, pau duro de madeira de lei, e está aí nua como veio ao mundo. Singela, mimosa. De um branco creme, com alguns raios de lilás inigualável.

Digo que ela é minha porque acho que ninguém a contempla e admira como eu.

Claro que a orquídea não pode ter dono. Ela é de quem tem a capacidade de admirá-la. De interpretá-la. Se nela só vale – e para que mais? – a beleza; a energia da estética, a manifestação exuberante da natureza... Se isso está nela onde quer que ela esteja, está para todos, não há como dominá-la. Não pode ser privatizada. A minha orquídea pertence a todos que tenham olhos e sentimentos para ver nela os desígnios de Deus.

Mas cuidado em essa orquídea, porque ela é minha.

